

revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL



SEMANA DE ORAÇÃO
1 A 8 DE NOVEMBRO

orar é abrir o
coração a Deus como a
um amigo. Não que seja
necessário para informar Deus
acerca do que somos; mas
para nos habilitar a
recebê-lo. A oração não faz
Deus baixar até nós;
mas eleva-nos até Ele.

— Aos Pés de Cristo, página 100.

SUMÁRIO

- Semana de Oração
Para um Verdadeiro
Renovamento
O Amor, Motivação Suprema
O Alcance Prático da Mensagem
Adventista
As Dimensões da Mordomia
Cristã
Cumprir Hoje a Nossa Missão
O Despertamento pelo Estudo
da Bíblia
Está São e Salvo o Jovem
Absalão?
A Igreja nos Últimos Dias

revista
adventista

ORGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

NOVEMBRO DE 1975

ANO XXXVI

N.º 350

Director: ANTÓNIO SIMÕES
LOPES BAIÃO

Administrador:
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLANTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Administração:
RUA SALVADOR ALLENDE,
LOTE 18, 1.º
SACAVÉM

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

Preços:

Assinatura Anual: 50\$00
Número avulso 5\$00
Estrangeiro 70\$00

SEMANA DE ORAÇÃO

1 a 8 de Novembro de 1975

Mensagem dos Irmãos Responsáveis da Conferência Geral

No Seu amor e na Sua terna solicitude, o nosso Pai celeste concede-nos uma nova semana especial durante a qual a Sua Igreja, espalhada por todo o Mundo, tem a faculdade de comunicar espiritualmente no arrependimento, na consagração, na acção de graças, no louvor e na oração. Não há dúvida de que esta Semana de Oração nos propiciará a ocasião de novas vitórias em Cristo, pois a assistência divina fica à nossa disposição, abundantemente.

Permiti que vos diga por que razões acreditamos ser necessária a oração, até à morte. Ellen White advertiu-nos de que «agentes satânicos têm transformado a terra num espectáculo de horror que nenhuma linguagem é capaz de descrever». — **Review and Herald**, 6 de Fevereiro de 1900.

Nos nossos dias, são perpetrados, mais ou menos por toda a parte, actos terríficos, desumanos e criminosos. A imprensa, a rádio, a televisão comunicam-nos, todos os dias, as notícias de bombardeamentos, de raptos, de roubos crapulosos, de crimes, de sequestros e de tantas outras formas de terrorismo. Poderes sobrenaturais diabólicos movidos por uma espécie de raiva e pelo ódio contra Deus e o Seu povo mobilizam todas as energias e todos os meios susceptíveis de destruir, de seduzir e de aviltar o homem. Talvez melhor do que nós, saibam os demónios e compreendam que o tempo já é pouco (ver Apoc. 12:12). Mas, apesar dos esforços enviados por Satanás e pelos seus sequazes, os dias terrivelmente maus que estamos vivendo, devem — mesmo contra todas as dificuldades — tornar-se dias de vitória para a Igreja final. É a nós que nos incumbe aproveitar a oportunidade dos tempos e dos momentos, para aproveitarmos o socorro inesgotável de Deus. Nestes tempos tão difíceis, somos todos chamados a experimentar, pessoalmente, o nosso Getsemani, consagrando-nos ao Senhor — nós e os nossos bens — de uma maneira total e irrevogável. É aqui que um desfalecimento da nossa parte teria consequências trágicas.

Actualmente, certos Estados proíbem a propagação do Cristianismo no seu território. Alguns dos nossos colportores-evangelistas têm sido condenados à morte. Noutras regiões, são os pregadores que são açoitados e encarcerados. Há missionários a quem são recusados os vistos de permanência e as autorizações necessárias para o exercício das suas funções. Por outras palavras: a difusão do Evangelho está a ser seriamente contrariada. Além disso, assistimos a uma inquietante desvalorização da moeda, enquanto que em determinados países, escolas e hospitais cristãos se vêem obrigados a fechar as suas portas, ou são nacionalizados.

Mas, apesar de tudo, o povo de Deus não se deve desencorajar, porque a oração é um poder invencível à disposição dos crentes sinceros. «E tudo quanto pedirdes em Meu nome, Eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho» (João 14:13).

Quer vivamos perto de uma igreja, quer estejamos isolados, todos somos exortados a unirmo-nos espiritualmente pela oração, durante esta semana especial de comunhão com o Senhor. Com a força que Ele nos prometeu, avancemos na nossa vida cristã, marchando à conquista de novos cumes, esperando e apressando o Seu regresso, testemunhando fielmente por Ele, entre os homens, nossos irmãos.

Assediemos o trono de Deus reclamando o poder do Espírito Santo e a chuva serôdia. Oremos para obter a graça e o arrependimento, de modo a produzir-se na nossa vida um despertar e uma reforma. Oremos uns pelos outros, tanto pelos que nos são caros, como pelos que não conhecem Deus.

Oremos, tendo em vista a difusão da Igreja, tanto ao perto como ao longe.

Oremos, finalmente, para que bem depressa os céus se encontrem num incêndio de glória, marcando o Segundo Advento do nosso bem-amado Senhor.

«O nosso Pai celestial está desejoso de derramar sobre nós a plenitude de Suas bênçãos.» — **Aos Pés de Cristo**, pag. 101.

PARA UM VERDADEIRO RENOVAMENTO

Tendo já entrado no coração dos anos 70, a Igreja remanescente encontra-se perante o maior desafio missionário de todos os tempos. Querer corresponder a um tal desafio implica o cumprimento de um trabalho gigantesco. Entre os povos a quem a última mensagem de Deus deve ser comunicada, contam-se dois biliões de pessoas — pelo menos — que não pertencem, nem sequer, nominalmente, a nenhuma igreja cristã. Gottfried Oosterwall, responsável pelo Departamento Missionário na nossa Universidade Andrews, calcula em mil e seiscentos milhões o número dos nossos contemporâneos que nunca ouviram falar de Jesus Cristo. Segundo certas estimativas, este número deve ser oito vezes maior que a totalidade das pessoas que viviam, nesta mesma condição, nos tempos do Apóstolo Paulo.

Há quem diga que, presentemente, na África, se contam mais não-cristãos do que no momento em que David Livingstone ali esteve, há um século. Efectivamente, um terço da população mundial vive sob diversos regimes políticos que professam, oficialmente, teologias ateias.

Numerosos territórios encontram-se, actualmente, fechados aos pregadores da Mensagem Adventista, ao passo que noutras regiões do globo, apenas é autorizado um acesso limitado aos mesmos pregadores. Nos países cristãos, entrámos na que se pode chamar a era pós-cristã. Em todo o caso, trata-se de uma situação em que a Igreja não pode deixar de ter em conta o seu modo de pensamento e os seus métodos de trabalho. Nos países de tradição cristã, há milhões de homens e de mulheres que têm necessidade de ouvir a Mensagem da Salvação e da Volta de Jesus com a mesma urgência que as populações que vivem em regimes ateus, porque viraram as costas à palavra de Deus e às verdades fundamentais do Evangelho.

«O clima intelectual do nosso mundo afasta-se rapidamente e, cada vez mais, da noção bíblica de Deus e do homem. No Ocidente, nota-se que um novo abandono, sem precedente, das ideias, das condutas e da ética cristã se vai firmando na cultura em geral. Os antigos bastiões da ortodoxia protestante vão caindo sucessivamente, sob a pressão de uma secularização enganadora que contradiz a palavra inspirada da Escritura e deforma o sentido do Evangelho.» — «**The Surging Wave of the Future**», **Christianity Today**, 28 Oct. 1966, p. 32.

Vivemos num clima onde reinam a incredulidade e a rejeição de Deus. O próprio ar que respiramos

está empestado pela dúvida, pela zombaria e pela contestação. Porque é que havemos de falar com condescendência dos «países pagãos» quando o que se intitula mundo cristão está cheio de inumeráveis pagãos?!

No decorrer de uma das minhas visitas à Europa, um grupo de pregadores perguntou-me se tínhamos literatura especialmente destinada aos ateus. À primeira vista, esta pergunta pareceu-me um pouco esquisita. É certo que temos livros e folhetos que se dirigem a diferentes religiões e a diversas confissões cristãs; mas nunca tinha pensado na necessidade de fornecermos literatura para ateus. Contudo, depois de uma certa reflexão, verifiquei que tal pedido se justificava, plenamente, tendo em conta a formidável influência exercida pelo ateísmo em milhões de indivíduos. Sim, temos, incontestavelmente, necessidade de uma literatura especialmente preparada para defrontar as filosofias ateístas e, na elaboração dos nossos planos de evangelização para os anos 70, devemos ter em consideração esta nova dimensão da nossa obra missionária no seio da cultura pós-cristã. Espera-nos um trabalho enorme, trabalho a realizar junto de pessoas que, ainda há décadas atrás, se consideravam cristãs.

Enquanto enfrentamos esta tremenda tarefa, não será inútil organizar um inventário acerca dos recursos concretos de que dispomos. As estatísticas da nossa denominação revelam que no final do ano de 1973, tínhamos 4309 estabelecimentos escolares, desde as escolas primárias até às nossas duas Universidades. Além disso, contávamos 140 hospitais e sanatórios, 205 clínicas e dispensários, 16 barcos-dispensários, 10 aviões dispendo de equipamento médico e 22 casas de repouso, o que totaliza 393 instituições médicas.

As nossas 50 Casas Publicadoras imprimem literatura em 177 línguas. Paralelamente à evangelização oral que realizamos noutras 351 línguas, a obra da página impressa permite-nos difundir o Evangelho em 528 línguas. Se englobarmos os pregadores, os professores, o pessoal médico e administrativo, assim como o das Publicadoras, etc., mostrando-se todos eles dedicados e zelosos no desempenho das suas funções para a finalização da Obra de Deus nesta geração — obteremos um total efectivo de 70 400 obreiros.

Finalmente, perto de dois milhões e meio de membros de Igreja deviam estar disponíveis para realizar a sua parte de responsabilidades; sinto-me feliz por

dizer aqui que um grande número de leigos dedicados decidiram corajosamente contribuir para a finalização da Obra de Deus, trabalhando e orando com vista à propagação da verdade na sociedade em que vivem. A Assistência Adventista e as secções de Dorcas contribuem largamente para dissipar os preconceitos que subsistem em diversos meios.

Uma Tarefa Inacabada — Porquê?

Nestas condições, levanta-se naturalmente a seguinte pergunta: Mas então, onde está o problema? Porque é que se tem feito tão pouco? Porque é que temos diante de nós uma tarefa tão pesada?

Suponho que, pelo menos, temos um elemento de resposta nesta declaração da Mensageira do Senhor: «Como povo, não progredimos em espiritualidade na hora em que nos aproximamos do fim» — **Testimonies**, vol. 5, p. 11. Neste passo, Ellen G. White não diz que nos faltam meios financeiros, nem que os nossos obreiros são poucos, nem que não temos facilidades suficientes à nossa disposição; ela põe precisamente o dedo na condição espiritual da Igreja declarando que no momento em que nos aproximamos do fim, a nossa vida espiritual não acusa nenhum progresso.

Prezados Irmãos e Irmãs, na luta que presenteiramente travamos, a nossa vitória não depende, decerto, nem da qualidade dos edifícios das nossas instituições, nem das reservas de capitais ou de fundos de crédito que aparecem no balanço das nossas Associações. O apóstolo Paulo recorda-nos de que estamos empenhados num combate essencialmente espiritual: «Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais.» (Efésios 6:12). Face a tais adversários, a advertência segundo a qual «como povo, não progredimos em espiritualidade na hora em que nos aproximamos do fim», reveste uma singular solenidade. Há um laço de causa para efeito entre a pobreza da nossa experiência espiritual e o facto da nossa tarefa ficar inacabada. Numa hora, como a presente, em que a Igreja se encontra desprovida de riquezas espirituais, o apelo do profeta Oseias apresenta-se como uma interpelação dirigida a cada membro das nossas igrejas: «Semeai para vós em justiça, ceifai segundo a misericórdia; lavrai o campo de lavoura, porque é tempo de buscar ao Senhor, até que venha e chova a justiça sobre vós.» (Oseias 10:12).

Não esqueçamos que o nosso problema é, antes de mais, de ordem espiritual; é o problema de um povo que não tomou as medidas necessárias para estar pronto. Num combate espiritual, como o evocado pelo apóstolo Paulo, o segredo do poder reside numa estreita comunhão dos membros da Igreja de Deus com o Senhor.

Consideremos, por um instante, que poder se não manifestou na Igreja apostólica, no Pentecostes, assim como a amplidão da messe recolhida num só

dia: umas três mil pessoas ganhas para o Evangelho. Um tal resultado excede largamente o que a maior parte dos pregadores da nossa época chegam a obter, mesmo que pudessem multiplicar por 12 a duração média da sua vida. De facto, este número de 3000 almas conquistadas num só dia excede o nível total de «produção» registado num período de dez anos em muitas das nossas Associações. Que aconteceria em 1976 se cada membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, vivesse, pela sua parte, em todo o mundo, a experiência do Pentecostes, estando repleto do Espírito Santo? Com que rapidez não se terminaria a Obra de Deus, em toda a Terra?

«É tempo de buscar o Senhor». Ellen White lembra-nos que «a maior e mais urgente das nossas necessidades é a de um despertar da verdadeira piedade entre nós. A nossa primeira preocupação deve ser procurá-lo.» — **Mensagens Escolhidas**, vol. 1, p. 121.

Muito gostaria eu que todos nós nos sentíssemos, pessoalmente, tocados por este apelo: a maior e a mais urgente **das minhas** necessidades, é a de um despertar da verdadeira piedade. **A minha** primeira preocupação devia ser a de buscar este despertar. É esta uma mensagem destinada a cada um de nós, hoje mesmo.

A única coisa que pode responder às nossas necessidades

A necessidade de um despertar e de uma reforma é posta, de novo, em evidência, pela Serva do Senhor, quando escreve: «Há que produzir um despertar e uma reforma, sob a acção do Espírito Santo.» — **Idem**, p. 148. Decerto que o Espírito Santo tem de fazer qualquer coisa tanto por nós, como também por milhões de outras pessoas que vivem sem Cristo e sem esperança, à nossa volta. Sim, o Espírito Santo tem de realizar uma obra nos corações e nas vidas dos que pertencem ao povo de Deus, tal como o quer fazer a favor das multidões de homens e de mulheres que vivem nos países não cristãos. Incontestavelmente, «é tempo (para nós) de buscar o Senhor».

Consideremos o significado da palavra «despertamento»; recorda-nos: despertar, acordar, avivar, reavivar, reviver. Suspensas ou paralisadas as faculdades, vem, depois, o despertar, o reviver, exprimindo, assim, uma reanimação que sucede a um estado de moleza, de indolência ou de depressão.

Prezados irmãos e irmãs, para reconduzir à vida uma igreja espiritualmente morta, é necessário o mesmo poder que faz ressuscitar os que estão mortos fisicamente. Só o Senhor Jesus é que possui esse poder. Por isso, a nossa única possibilidade de sermos arrancados das garras da morte espiritual reside única e exclusivamente em Jesus Cristo. «E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos» (Actos 4:12). Eis por-

que é da máxima urgência que nos apliquemos a «buscar o Senhor». Imediatamente.

Há, contudo, hoje na Igreja quem preconize outros meios para finalizar a Obra de Deus: uns advogam um material aperfeiçoado; outros preferem planos minuciosamente elaborados. A verdade, porém, é que nesta última fase da história do mundo, não há senão uma só e única fonte de assistência válida para o povo de Deus. Esta assistência encontra-se em Jesus. Só Jesus é que pode suscitar um despertar, uma reforma e conceder o poder necessário.

Mas antes de a Igreja se encontrar apta para fazer a experiência do despertar, tem, primeiramente de fazer a do arrependimento. «E ouvindo eles isto, compungiram-se no seu coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, varões irmãos? E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo.» (Actos 2:37, 38).

Um arrependimento sincero é a primeira etapa que leva a um verdadeiro despertar. Ninguém, efectivamente, pode ser salvo, sem que primeiramente se tenha consciencializado e convencido de que está **perdido**. Por isso, antes do Senhor nos revestir com o Seu manto de justiça, temos de reconhecer que estamos nus. Seguidamente, depois de nos termos consciencializado da nossa nudez, temos de ir até Ele, tal qual como nós somos e nos encontramos, sem cessar de compreender que os nossos pecados levaram o Filho de Deus a ser crucificado no Calvário e que ainda hoje as nossas transgressões O crucificam de novo. Uma tal revelação da nossa culpabilidade deve necessariamente fazer-nos experimentar uma profunda tristeza, estando nisso, precisamente, o primeiro passo para um autêntico despertar.

Quando tomamos consciência da nossa desesperada necessidade da graça divina, é então que nos encontramos com as disposições requeridas para beneficiar desta preciosa promessa: «Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça.» (1 João 1:9).

Portanto, se nos arrependermos e confessarmos os nossos pecados, Deus, pela Sua graça, perdoa-nos e acolhe-nos com generosidade tal, que daí por diante, nos podemos manter na Sua santa presença, como se nunca tivéssemos pecado.

«O coração humilhado e contrito subjugado por um verdadeiro arrependimento, compreenderá até certo ponto, o amor de Deus e o preço do Calvário. Tal como um filho se confessa a um pai amoroso, também o pecador verdadeiramente arrependido levará todos os seus pecados aos pés de Deus — **Aos Pés de Cristo**, p. 44.

O que Deus nos pede é perfeitamente razoável. Além disso, trata-se de diligências simples e fáceis: depois de nos termos arrependido, confessamos, lealmente, as nossas transgressões; num arrebatamento de profunda humildade, imploramos o perdão e a purificação.

E o Senhor dá-nos a garantia de que no instante em que formulamos este pedido, é indubitavelmente ouvido. A Irmã White assim o confirma, nestes termos: «Pela fé, o pecador que tão gravemente ofendeu o Senhor, pode levar a Deus os merecimentos de Jesus, e então o Senhor coloca a obediência de Seu Filho na conta do pecador. A justiça de Cristo é aceita em vez da falta do homem, e Deus recebe, perdoa, justifica o homem arrependido e crente, tratando-o como se ele fosse justo e ama-o, tal como ama o Seu próprio Filho» — **Mensagens Escolhidas**, vol. 1, p. 367.

Deus seja louvado! Podemos ser libertados da morte espiritual e a sua graça toma conta do nosso passado. A nossa vida de ontem é recoberta pela justiça de Cristo.

Se procurarmos o Senhor com sinceridade, como Ele nos ensinou, faremos, inevitavelmente, a experiência do despertar. Por outras palavras: o despertar e o poder serão concedidos unicamente àqueles que mostram a sua lealdade para com Deus e para com o próximo.

Uma reforma deve seguir-se ao despertar.

O despertar, por si só, não é suficiente. Por isso, esta primeira experiência espiritual deve ser seguida de uma mudança no nosso estilo de vida. Temos de assistir a uma verdadeira reforma. A Serva do Senhor escreve o seguinte: «Deus nunca aceita uma confissão se esta não for acompanhada de um arrependimento sincero e de uma reforma. É necessário que uma mudança radical da vida acompanhe tal arrependimento e que seja posto de parte tudo o que não for agradável a Deus» — **Aos Pés de Cristo**, p. 41. Trata-se de uma experiência no decorrer da qual Deus vem em auxílio das nossas necessidades presentes, tal como o fez no passado. A verdade é que somos chamados de modo imperativo a fazer, realmente, a experiência de uma reforma pessoal e profunda.

Presentemente, há muitas pessoas que acalentam ilusões, elogiando o que poderíamos chamar «a graça barata», segundo a qual o crente se pode contentar com uma simples adesão verbal a Jesus Cristo, limitando-se a resmungar, de quando em vez, uma curta oração, continuando a viver o dia que passa, sem sentir a necessidade de nenhuma mudança referente à sua vida passada. Nestas condições, a sua conduta não pode, evidentemente, beneficiar da mais pequena reforma.

Salientemos, também, que o verdadeiro despertar não pode resultar de um certo conformismo no qual seríamos arrastados para um engarramento colectivo e, apenas, para seguir uma moda.

Deus quer que a nossa vida beneficie de uma verdadeira reorganização, de uma mudança nas nossas ideias, de uma renovação das nossas teorias e da nossa maneira de viver. Novos hábitos devem substituir os que são a moeda corrente no mundo. As nossas leituras, a nossa maneira de nos vestirmos, a

nossa música preferida, a nossa alimentação — tudo, em suma, se torna diferente desde que tenhamos uma experiência autêntica com Jesus, produzindo, automaticamente uma mudança completa na nossa vida. Jesus quer que a experiência da reforma produza um renovo susceptível de modificar a nossa existência, totalmente. E, de facto, quando Jesus nos salva reanimando as nossas energias, desencadeia, inevitavelmente uma reforma que afecta toda a nossa vida.

Toda a reforma sincera será para o cristão a ocasião de uma experiência opulenta e manifesta para todos aqueles com quem entrar em contacto, porque os preciosos frutos do Espírito serão visíveis aos olhos de todos os que o cercam.

«O fruto do Espírito é o amor, a alegria, a paz, a paciência, o bom carácter, a amabilidade, a deferência, a bondade, a generosidade, a fidelidade, a confiança nos outros, a doçura, a modéstia, a humildade, a aptidão para ceder e para se adaptar, a temperança, a castidade, o domínio de si mesmo. Nenhuma lei proíbe isto, e contra os que vivem assim, ela não tem necessidade de intervir. Ora, os que pertencem a Jesus Cristo pregaram na cruz a sua velha natureza com as suas paixões e os seus desejos. Quem tomou Jesus por mestre, morreu com Ele, para os seus projectos e para os seus planos pessoais. Porque o Espírito é a fonte da nossa vida, deixemo-nos, também conduzir por Ele, sigamos as suas indicações e operemos como Ele deseja, isto é, que também a nossa vida seja espiritual» (Gálatas 5:22-25, transcrição moderna das Epístolas de Paulo, por Alfred Kuen).

Portanto, se buscarmos o Senhor com ardor incansável, decerto que se farão sentir resultados inegáveis, na nossa vida de todos os dias. Teremos, então, pessoalmente, a experiência do despertamento, da reforma e do poder prometido.

Uma descrição do poder

Evocando uma visão referente a uma futura experiência, a Mensageira do Senhor escreveu: «Nas visões da noite, foi-me mostrado um grande movimento de reforma no seio do povo de Deus. Muitos louvavam o Senhor, os doentes eram curados, e realizavam-se outros milagres. Notava-se um espírito de oração do género do que se manifestava antes do grande dia do Pentecostes. Centenas e milhares de pessoas visitavam muitas famílias explicando-lhes as Escrituras. Os corações eram tocados pelo poder do Espírito Santo, e viam-se verdadeiras conversões. Por toda a parte se abriam portas para a proclamação da verdade. O mundo parecia iluminado pela luz divina. Grandes bênçãos eram concedidas aos filhos de Deus humildes e sinceros» — **Testemunhos**, vol. 3, p. 411.

Que cena tão grandiosa! A acção comporta o arrependimento, o despertamento, a reforma, a intercessão, o louvor, sem falar de um desdobração excepcional de poder, exprimindo-se mediante milagres e a acção do Espírito Santo actuando na Igreja, abrindo portas em toda a parte, iluminando o mundo e aca-

bando a Obra de Deus em vista do Regresso do Salvador. Não é esta uma maravilhosa descrição? Podemos, porventura, imaginar uma melhor antecipação para aquilo que a Igreja remanescente foi chamada a experimentar? Vivemos, efectivamente, esta experiência, quando o verdadeiro arrependimento, o verdadeiro despertamento e a verdadeira reforma tiverem tomado lugar na vida do povo de Deus. Sei que uma tal experiência espiritual começa a despontar, um pouco, por toda a parte. Mas ainda há muito que fazer.

Prezado irmão, prezada irmã, não quereis, também cada um de vós, viver esta experiência? Ficaí sabendo que tal experiência é acessível a todos nós, desde que estejamos dispostos a pagar-lhe o preço: ora o preço correspondente é, nem mais nem menos, **tudo**.

Escrevia o profeta Oseias: «É tempo de buscar ao Senhor.» Pela sua parte, o profeta Jeremias precisa a intensidade com que deve ser feita tal busca: «Buscar-me-eis e achar-me-eis, quando me buscardes de todo o vosso coração.» (Jeremias 29:13). Para estarmos à altura de viver uma tal experiência, não podemos nem devemos abordá-la com um coração dividido. O poder de Deus indispensável para a finalização da Sua obra só será concedido aos que procurarem o Senhor com toda a sinceridade e com todo o ardor de que forem capazes. «Bem-aventurados — diz o Salmista — os que guardam os seus testemunhos, e O buscam de todo o coração» (Salmo 119:2).

«Submetamos-Lhe a nossa vontade e os nossos planos — escreve a Irmã White —, tomemos compromissos connosco mesmos.» — **Rayons de Santé**, p. 385.

«Não há nenhuma situação, aparentemente, mais desesperada e, contudo, mais triunfante, do que a do homem consciente do seu nada e plenamente confiante em Deus» — **Profetas e Reis**, p. 175.

Se uma tal marcha espiritual nos parece difícil, lembremo-nos de que temos a promessa garantida da ajuda divina, para cada dia e para cada hora: «Posso todas as coisas n'Aquele que me fortalece» (Filipenses 4:13). Podemos ir a Ele, tal como nos encontramos, num impulso total e espontâneo de arrependimento e de confissão das nossas faltas. Se estamos nestas disposições, podemos ter a certeza de que Ele nos acolherá. Deste modo, pela graça e pelo poder de Jesus, ser-nos-á possível realizar tudo o que Ele espera de nós.

Irmão e Irmã! Apressemo-nos a buscar o Senhor, mas com todo o ardor.

Chegou o momento de nos certificarmos de que temos tudo em ordem com os nossos semelhantes.

Quando tivermos vivido, pessoalmente, esta experiência, então receberemos o despertamento esperado, a reforma requerida e o poder necessário. Praza a Deus que chegue bem depressa o dia em que uma tal experiência se produza na vida de cada membro da Igreja remanescente, para podermos ver o nosso Salvador, face a face, num próximo futuro.

Não quereis, hoje mesmo, tomar um compromisso neste sentido?

Que Deus vos abençoe.

O AMOR, MOTIVAÇÃO SUPREMA

«Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama, será amado de meu Pai e eu o amarei e me manifestarei a ele.» (João 14:21).

O significado destas palavras beneficia de um melhor esclarecimento, quando se têm em conta as circunstâncias em que foram pronunciadas. Enquanto Jesus, rodeado pelos seus íntimos, terminava a ceia pascal no Cenáculo e se preparava para partir, caíam as sombras da noite sobre a antiga cidade de Jerusalém. A calma da noite tinha sido perturbada pela indignação dos discípulos, quando Judas os deixou, precipitadamente, para trair Jesus, conforme projectara. Foi no decorrer desta última noite, vigília da crucifixão e a poucas horas, apenas, da sua prisão, que Jesus evocou vários assuntos relativos ao seu reino. Começada no Cenáculo, a conversa continuou, enquanto o pequeno grupo dos discípulos caminhava na escuridão entre as oliveiras e as vinhas na direcção do jardim do Getsemani, lugar de oração favorito de Jesus.

A sequência do conflito que tinha perturbado o Universo estava prestes a ser selada para a eternidade e, muito embora a mente de Jesus estivesse cheia de preocupações, mesmo assim o Salvador tomou o tempo necessário para definir, claramente, pensando nos dirigentes da futura Igreja, os grandes princípios que deviam fazer parte integrante da vida de cada um dos seus discípulos. Estas preciosas instruções contidas nos capítulos 13 a 17 do Evangelho de S. João, seriam, mais tarde, uma fonte de força para os discípulos no momento em que fossem chamados a entrar na organização da Igreja.

Entre os grandes princípios postos em evidência naquela memorável noite, Jesus sublinhou o lugar sobreeminente do amor nas relações com Deus e com os nossos semelhantes (Ver João 15:12, 13). De acordo com as declarações de Jesus, a manifestação suprema deste amor consiste no sacrifício da nossa própria vida pelos outros. Esta afirmação não devia, de resto, tardar em se revestir de um extraordinário significado, quando os discípulos vissem o seu Senhor agonizar e, depois, expirar, na cruz.

Mas a expressão de amor para a qual queremos chamar a atenção no decorrer desta leitura é a que foi enunciada por Jesus, quando declara que o amor para com Deus se manifesta pela obediência à Sua vontade. No decurso dos capítulos 13 a 17 do Evan-

gelho de S. João, esta verdade encontra-se, pelo menos, sete vezes (Ver João 14:15, 23, 24; 15:7, 10, 14). Jesus podia ter citado como exemplo a sua própria submissão perfeita ao Seu divino Pai: «Mas é necessário que o mundo saiba que Eu amo o Pai e que faço como o Pai me tem ordenado.» (João 14:31, segundo a versão de Jerusalém). Se é certo que Jesus se referia aqui à sua crucifixão muito próxima, também não é menos certo que a Sua obediência ao Pai era para Ele uma atitude constante: «Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor; do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e permaneço no Seu amor.» (Cap. 15:10).

Jesus, no decorrer da sua vida, forjara laços naturais e indissolúveis entre o seu amor para com o Pai e a sua obediência à Sua vontade. Cada dia que passava fazia aparecer uma nova revelação do seu amor, à medida que se conformava, plenamente com as ordens do Pai. Numa outra circunstância pôde dizer: «Aquele que me enviou está comigo; o Pai não me tem deixado só, porque eu faço sempre o que Lhe agrada.» (Cap. 8:29).

É significativo que, desde o início do seu ministério, Jesus tenha claramente definido a sua posição com respeito à Lei: «Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim abrogar, mas cumprir.» (Mat. 5:17). Jesus iria ampliar esta lei nas Bem-aventuranças. Efectivamente, Aquele que promulgou outrora a lei no Sinai e O que pregou o Sermão na Montanha, era a mesma Pessoa; mas com esta diferença: o Legislador apresenta-se, agora, numa carne humana, depois de haver revestido a natureza do homem enfraquecida por quatro mil anos de pecado.

Jesus exaltou a lei de Seu Pai mediante uma vida de obediência perfeita vivida no meio duma geração perversa na qual muitos praticavam a hipocrisia, ao passo que tantos outros ostentavam abertamente o seu desprezo pela vontade divina. Jesus não suprimiu da lei, nem sequer um jota, nem sequer o ponto em cima do i; na sua vida de todos os dias, mostrou-se plenamente de acordo, tanto na letra como no espírito da lei. Nunca o mundo vira um homem dotado de uma tal nobreza de carácter, um homem, cuja obediência, tão natural e tão radiante, era o reflexo de um amor que encontrava a sua maior alegria em fazer o que o Pai lhe mandava. Em Jesus, a perfeição das motivações traduzia-se por uma obediência perfeita.

Examinemos, agora, esta questão, mais em pormenor. Se compararmos as exigências dos dez mandamentos contidos em Êxodo 20 e desenvolvidos no Sermão da Montanha, verifica-se que há uma maravilhosa harmonia entre a vida de Jesus e a lei divina. Assim, Jesus nunca admitiu que outros deuses viessem usurpar a autoridade de seu Pai celeste. Quando no deserto, o diabo o incitou a adorar qualquer outro que não Deus, Jesus respondeu-lhe, imediatamente: «... Ao Senhor teu Deus adorarás e só a Ele servirás.» (Mateus 4:10). Também seria absolutamente inconcebível que Jesus jamais tivesse fabricado uma imagem esculpida para lhe prestar culto. De facto, Deus não pode ser, de modo algum, representado nem pela madeira, nem pela pedra; o próprio facto de se venerarem as obras devidas à mão do homem que exaltam o humano acima do divino, é uma ofensa a Deus. Sem dúvida alguma, Jesus conformou-se, fielmente com os dois primeiros mandamentos do Decálogo.

A pureza nos pensamentos e nas palavras

E que dizer dos outros preconceitos? O 3.º mandamento condena o perjúrio, as palavras vãs e a hipocrisia. Jesus confirmou este preceito pela sua vida e ensino. Com a alma transbordante de amor, de graça e de verdade, Jesus reflectia a pessoa do Pai. Dos seus lábios saíam palavras amáveis, assim como a pureza das suas palavras traduzia a pureza dos seus pensamentos. Era sincero e conseqüente consigo mesmo em todas as suas palavras e acções. Numa palavra: era a verdade encarnada.

Durante a sua vida terrestre, Jesus viveu o Sábado numa conformidade perfeita com o objectivo sagrado desta instituição. Segundo Êxodo 20:8-11, o Sábado devia ser um dia santo, que não devia ser consagrado a planos, nem conversas, nem prazeres do homem. Devia ser um dia de comunhão espiritual com o Criador, um dia de culto celebrado na paz e na alegria, de harmonia com o povo de Deus e com o Deus da criação.

Vários séculos depois da queda no Jardim do Éden, a quase totalidade dos crentes em Israel tinham perdido de vista a maravilhosa beleza e o propósito divino do Sábado. Jesus via à sua volta tantas e tantas pessoas que procuravam ser notadas pelos chefes da sinagoga, conformando-se, minuciosamente com as regras sabáticas de origem humana, deixando na sombra a verdadeira razão de ser do Sábado. Ora, é precisamente, esta razão de ser do 4.º Mandamento que Jesus quis restituir ao seu valor, o que, efectivamente, realizou, mediante o Seu exemplo. Manifestou os seus atributos de Criador curando em dia de Sábado os corpos doentes e enfermos, e sancionou a importância do culto hebdomadário na vida do homem, frequentando, assiduamente, a sinagoga, todos os Sábados (Ver Lucas 4:16). Além disso, libertou o Sábado das servidões com que os homens o haviam sobrecarregado, declarando: «O Filho do homem até do Sábado é Senhor.» (Marcos 2:28).

Sem admitir, portanto, a legitimidade das actividades seculares no Sétimo Dia da semana, nem a liberdade de se satisfazer o egoísmo e o prazer pessoal, naquele santo Dia, Jesus elevou notavelmente, o nível do Sábado, tornando-o num dia de bênção e de adoração.

A vida de Jesus testemunha o facto de que Ele obedecia ao seus pais, honrava-os, assim como também amava todos os homens, sem excepção, incluindo os seus inimigos. Efectuou, sempre, acções rectas e permaneceu puro nos seus pensamentos. Nunca foi levado a cometer uma deslealdade ou um roubo. Estava isento de todo o engano, de toda a inveja, de toda a cobiça. Em poucas palavras: a sua fidelidade perfeita a cada um dos dez mandamentos não levanta a mínima dúvida.

De resto, se Jesus tivesse transgredido um só que fosse dos mandamentos do Decálogo, a sua vida e a sua morte teriam sido inúteis, porque esta única violação teria atingido gravemente a expressão perfeita do carácter de Deus, de que Ele era o cunho. Segundo o apóstolo João, «Qualquer que comete pecado, também comete iniquidade, porque o pecado é iniquidade» (1 João 3:4). Basta uma só transgressão para abrir um caminho de acesso à iniquidade e à revolta. Nesta linha de pensamento, escreveu o apóstolo Tiago: «Qualquer que guardar toda a lei, e tropeçar num só ponto, tornou-se culpado de todos.» (Cap. 2:10). O amor de Jesus para com seu Pai exprimia-se por uma vontade firme e harmoniosa e por uma obediência perfeita aos Dez Mandamentos, sem nenhuma excepção.

A insuficiência da crença intelectual

A vida de Jesus era um desmentido constante oposto a Satanás, o seu grande acusador e inimigo hereditário, o qual declarara que a obediência a Deus era coisa impossível e que a lei era um entrave à liberdade individual das criaturas (Ver **The Story of Redemption**, p. 18 e 19).

Esta falsa filosofia tinha sido inspirada a Adão e Eva antes de ser transmitida, depois, de geração em geração. Durante os seis mil anos que decorreram desde o primeiro acto de desobediência no Jardim do Éden, a rebelião e o desprezo de Deus não deixaram de crescer. Em certas épocas, a Sua lei foi calçada a pés juntos por aqueles mesmos que se valiam do nome de Deus. Espalharam-se sofismas perigosos que lançavam o descrédito sobre a santa Lei de Deus. Foi assim que se chegou a pretender que, depois da cruz, os Dez Mandamentos deixaram de vigorar, bastando, apenas, como única obediência, a lei de amor. Mas esta teoria não tem em conta o facto de que o amor de Deus conduz necessariamente a obedecer a cada um dos preceitos do Decálogo, e não apenas só a alguns deles. Milhões de pessoas têm aceiteado esta interpretação errada, mas a verdade é que não se pode separar o amor de Deus do cumprimento da Sua Lei.

Outros, por sua vez, são induzidos ao erro pela ideia de que o homem pode adoptar ideais mesquinhos e entregar-se a vícios culposos próprios para lhe satisfazer a sua natureza carnal, desde que creia que Jesus é o Salvador. Uma tal filosofia leva finalmente à satisfação das cobiças carnis, às dos olhos e do orgulho da vida, sem deixar, aparentemente, de considerar Jesus como o Redentor. Com tal ensino o nível da ética de vida baixa progressivamente, embora — apenas com os lábios — se continuem a articular palavras de louvor e de adoração a Deus. Vítima de uma verdadeira alucinação, o homem não tarda a encontrar-se mergulhado numa confusão análoga à que Israel conheceu no tempo dos Juízes e da qual está escrito: «Cada qual fazia o que lhe agradava.» (Juízes 25:25, segundo a versão de Jerusalém).

Nos nossos dias, a revolta de Lúcifer contra Deus está a atingir o seu auge; Satanás desenvolve esforços desesperados para alistar o mundo inteiro sob a sua bandeira. Para já, conseguiu ele que quase todos os homens assinem um mais dos seus sofismas sobre Deus e sobre a Lei divina. Os terríveis resultados destes erros são manifestos: o nosso mundo está cheio de ódio, de terror, de crimes, de injustiças e de inumeráveis sofrimentos. A desonestidade e o egoísmo têm roubado às multidões a alegria e a paz. São numerosos os que se levantam de manhã com o medo de defrontar um novo dia, e que se deitam, à noite, com o coração oprimido pela inquietação.

Contudo, a humanidade não se encontra abandonada a si mesma, sem qualquer esperança. Há uma boa nova destinada a cada um de nós. Esta boa nova consiste em que Jesus possui o poder de elevar a humanidade acima dos vícios e dos hábitos aviltantes que enfraquecem o carácter e asfixiam a nossa vida. Apesar das nossas naturais desobediências, Jesus está disposto a conceder-nos o seu perdão e a sua paz, para curar as chagas medonhas escavadas nos nossos corações pelo nosso espírito de revolta; Jesus está pronto a comunicar-nos, finalmente, a sua justiça perfeita. João traduz bem o pensamento de Deus quando escreve: «Tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo. E o mundo passa e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre.» (I João 2:16, 17).

Para nos libertar da desobediência e da morte, Jesus tomou todas as disposições necessárias para nos abrir a entrada para uma vida nova: «Quem tem o Filho, tem a vida; quem não tem o Filho de Deus, não tem a vida.» (I João 5:12). A solução que Jesus traz para a rebelião e para o pecado consiste para o homem em se submeter à Sua vontade depois de haver recebido d'Ele o perdão das suas faltas e o poder da vida eterna. Esta experiência espiritual leva à lealdade para com Deus e ao amor para com a Sua palavra. Permite, ao mesmo tempo, adquirir um carácter semelhante ao de Jesus. O amor de Jesus tão brilhantemente manifestado na Sua vida, constitui a resposta às necessidades do coração humano, porque

leva, direito como uma flecha, a uma vida de obediência total. O amor a Deus nunca oculta uma atitude desenvolva para com a Sua Lei; também não leva a ignorar deliberadamente os princípios da vida, elevados, reflectidos pela vida de Jesus. O amor não é teimoso; não se recusa a aprender. Se a vida do cristão em matéria de vestuário, de atitudes, de divertimentos e de relações, for inspirada pelo amor de Deus — poderá ser conduzida com discernimento de modo a ser um reflexo fiel da vontade divina e não a expressão das inclinações naturais do coração humano. Nestas condições, a palavra de Jesus reveste-se de um novo significado: «Se alguém me ama, guardará a minha palavra.» (João 14:23). Ora, é, precisamente, este mesmo amor, que Jesus nos oferece.

A Lei interiorizada

Destinada aos que são fracos e se desviaram, foi feita a seguinte promessa: «É este o concerto que, depois daqueles dias farei com a casa de Israel, diz o Senhor. Porei as minhas leis no seu entendimento e escrevê-las-ei nos seus corações; e eu lhes serei por Deus, e eles me serão por servos.» (Hebreus 8:10). De facto, se o espírito de obediência deve prevalecer, é claro que o espírito de revolta deve ser detido, a todo o custo. Ora, só Jesus, o nosso fiel Sumo Sacerdote, é que pode realizar um tal milagre no coração.

A Irmã White dirige-nos, efectivamente, a este propósito as seguintes palavras de encorajamento: «Se permanecermos em Jesus, se o amor de Deus se encontra em nós, então os nossos pensamentos, os nossos sentimentos e os nossos actos estarão de acordo com a vontade de Deus, tal como esta é expressa nos preceitos da Sua Santa Lei.» — **Aos Pés de Cristo**, p. 65.

Quando pela fé em Jesus Cristo, o homem age no meio das suas capacidades e se aplica a marchar nos caminhos do Senhor, obedecendo aos Dez Mandamentos, a perfeição de Jesus é-lhe imputada para cobrir as transgressões da alma arrependida e obediente.» — **Fundamentals of Christian Education**, p. 135.

O Senhor conta com o Seu povo, um povo que O ama a ponto de «guardar os Mandamentos de Deus e a fé de Jesus» (Apocalipse 14:12).

Não aspiramos, nós, secretamente, a desembaraçar-nos da nossa antiga maneira de viver, feita de rebelião e de desobediência?

Tenhamos a certeza de que se escolhermos submeter-nos a Jesus Cristo, a sua força onipotente libertar-nos-á e insuflar-nos-á um espírito de boa vontade. Ora, é isto mesmo que Jesus quer fazer e, imediatamente.

E se também o quisermos, igualmente, o carácter de Jesus, tecido nos teares do Céu, será nosso em toda a sua nobreza, e a nossa vida tornar-se-á, então, um testemunho vivo do amor e da alegria que se exprime numa submissão sem reserva à Lei de Deus.

O ALCANCE PRÁTICO DA MENSAGEM ADVENTISTA

É fácil de enunciar o que é evidente, e, neste nosso caso, que os homens, as suas instituições e o que os cercam se encontram em plena crise de mutação e de revolução. É inegável que vivemos numa época de mudanças.

A dizer a verdade, o facto de as coisas mudarem não é novo. O que é novo, é o carácter radical e o ritmo acelerado das mudanças às quais assistimos. Para melhor compreensão da maneira como transformações tão espantosas se realizam à nossa vista, há que lembrar que, segundo certas estimativas, o número total da população mundial viva, em 1975 representa o quarto da totalidade dos homens adultos que viveram na Terra, depois do Dilúvio, e que os homens de ciência desta época representam cerca de noventa por cento de todos os cientistas jamais conhecidos no decorrer da história.

Agora, que as mudanças tanto se multiplicam, um número cada vez maior de homens juntam-se para a corrida às inovações. «De novo, outra vez! Tudo outra vez!» Tal pode ser o «slogan» característico dos anos de 70. Jovens e juvenis precipitam-se cada vez mais depressa, a todo o custo para o carrocel do modernismo esforçando-se por dar nas vistas. Os amadores de novidades caminham em busca do que consideram **válido** e que o homem moderno associa, geralmente, a qualquer corrente de ideias em voga ou a qualquer outra mania popular. Nos nossos dias, contesta-se o fundamento e a utilidade das estruturas das sociedades, dos Estados, da família, da Igreja, da religião e, finalmente, até do próprio Deus.

O trágico erro da sociedade moderna

Quer viva na Terra ou na Lua, o homem de hoje, tendo-se tornado «adulto» — segundo a afirmação de certos teólogos — nada tem a fazer com a noção de Deus, tornada inútil. É aqui que a nossa sociedade moderna cometeu um erro verdadeiramente trágico. A revolução tecnológica, a desintegração da sociedade e da sua moral, a instabilidade geral são fatalmente interpretadas como uma crise anunciadora de progresso. Graças a esta crise, o mundo estaria a seguir por uma estrada, cada vez mais larga, para um impulso e uma maturidade, prelúdios da instauração de uma Idade de ouro favorecida por uma paz e uma prosperidade que deveriam surgir ao canto da rua. Mas, na

maior parte dos casos, esta evolução da nossa sociedade indica, pelo contrário, que entrámos na fase terminal da história do nosso mundo.

Sofremos, hoje, manifestamente, de uma crise da autoridade. Ainda não há muito, as certezas religiosas estavam estreitamente associadas à autoridade da Bíblia, às instituições eclesásticas e a um ensino tradicional. O que hoje é considerado como determinante, é a situação de facto na qual vivemos, presentemente, reputando-se primordial que cada um tenha a faculdade de dar livre curso às suas aspirações pessoais.

Assistimos, ao mesmo tempo, a uma reacção perfeitamente compreensível contra a forma de religião autoritária. Uma religião estritamente pessoal e anti-autoritarista está na ordem do dia. Pela sua parte, o Adventismo não exalta o **autoritarismo** nem o **anti-autoritarismo**. O Adventismo crê pura e simplesmente na necessidade de uma **autoridade**. O fundamento da Mensagem Adventista assenta, essencialmente, na autoridade da Palavra de Deus, na revelação histórica de Jesus Cristo, no Espírito de Profecia, na comunhão dos santos e na direcção do Espírito Santo. A Mensagem Adventista é incontestavelmente válida e, por muitas razões. O seu **valor prático**, tanto no plano pessoal como nos planos familiar e social é inegável.

A Mensagem Adventista permite ao homem caído na decadência física ou moral, ser arrancado das garras do pecado, o que é, nem mais nem menos do que o resultado da salvação efectuada por Jesus Cristo. Na medida em que a religião não permitir atingir este resultado, revela, por isso mesmo, a sua ineficácia.

Recordo-me de haver encontrado, há anos atrás, um casal de turistas, em Taormina, na Sicília. Tivemos oportunidade de trocar impressões sob múltiplos aspectos acerca da Igreja Adventista e do trabalho realizado pelas nossas instituições. Os meus interlocutores não se mostraram nada impressionados com as minhas explicações; chegaram mesmo a perguntar-me se o Cristianismo ainda tem a sua razão de ser, na nossa época. O marido perguntou-me, directamente: «Mas o sr. acredita que a sua religião é capaz de mudar as pessoas?» Contei-lhe, então, a experiência dum homem que vivia numa aldeia a poucos quilómetros dali, onde outrora fora conhecido como um verdadeiro bandido. Este homem que tivera contas a ajustar com a polícia, encontrou um dia um pregador adventista, quando este dava um estudo bíblico, e

disse-lhe brutalmente, ao mesmo tempo que puxava pela navalha: «Se o sr. não me diz a verdade, retalho-lhe a cara!» Para este perigoso cadastrado, a mensagem adventista deve-se ter revelado de uma eficácia perfeita, pois aquele homem conseguiu desembaraçar-se, progressivamente, da ilegalidade em que tinha caído. De bandido que fora, tornou-se num homem nascido de novo, um modelo de boa conduta na povoação em que vivia. O meu casal de turistas teve de admitir que uma religião capaz de produzir tais resultados, não é uma teoria obsoleta, mas um valor real e tangível. Hoje, como ontem, Jesus descobre «em cada ser humano possibilidades infinitas». — **Educação**, p. 80.

O conteúdo da Mensagem Adventista

O conteúdo essencial da Mensagem que mais de dois milhões de adventistas devem anunciar a um mundo consciente da sua ruína final pode resumir-se, assim: o homem que foi criado à imagem de Deus, caiu no pecado. Daí resultou uma separação e uma alienação, com todas as decepções e sofrimentos decorrentes. Deus porém, interveio mediante a intercessão de Jesus Cristo, para efectuar uma reconciliação. Em Jesus, são perdoadas as faltas do homem.

Os filhos de Deus são chamados a fazer parte integrante de uma **humanidade nova**, com Jesus, «que Deus estabeleceu herdeiro de todas as coisas» (Hebreus 1:2), das quais é o Chefe. Jesus vai voltar, para pôr termo à decadência do género humano, estabelecer o Seu reino que será um **mundo novo**.

Esperando a hora do «restabelecimento de todas as coisas» (Actos 3:21), Jesus mantém-Se nos lugares celestiais, onde entrou «como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo», e onde oficia na Sua qualidade de «mediador de uma **nova aliança**, para ali nos preparar «uma herança eterna» (Ver Hebreus 8:2; 9:15). É nisto que reside o carácter de novidade que constitui o coração da Mensagem Adventista. Mas esta mensagem ainda é mais precisa e mais apropriada: não só Jesus volta; mas é que **vai voltar em breve**. Eis a originalidade impressionante da Mensagem de Deus à vista da qual todos os últimos desenvolvimentos em matéria política e social parecem bastantes insignificantes.

O juízo de Deus não se reporta já a um futuro longínquo. Temos de proclamar com letras de fogo «que é **vinda** a hora do Seu juízo». Vivemos numa época crucial da humanidade para a qual convergem, com exactidão os caminhos da profecia e os da história.

A Mensagem Adventista é válida sob o ponto de vista **filosófico**. Na nossa época de incerteza e de confusão, apresenta certezas inquebrantáveis. Ora, o homem de hoje está terrivelmente desprovido de certezas e de convicções. Muitos se demitiram intelectual e racionalmente, e abandonaram a esperança de satisfazer as suas aspirações. A característica do homem moderno é a ideia de que a verdade, como tal se nos escapa e que o bem em si mesmo não

existe; numa palavra, é o reino absoluto do relativismo. As impressões pessoais do homem têm, hoje, força de lei. Contudo, custa a compreender como é que as impressões vacilantes e caprichosas da natureza humana podem servir de fundamento a qualquer coisa. A Irmã White descreve, claramente, esta situação própria a semear a confusão nos espíritos: «As trevas espirituais cobrem a terra... Nada se distingue de uma maneira clara e precisa, não há nada assente na rocha. Aqui temos um dos sinais anunciados para os últimos dias.» — **Mensagens Escolhidas**, Vol. 1, p. 15.

Nestas condições, não é de admirar que domine o desespero, que se caminhe para a anarquia e para a violência, que um número sempre crescente de indivíduos procure evadir-se, mediante a droga, para paraísos artificiais. Esta espécie de afogamento pelo absurdo e pelo desespero exprime-se, sob certos aspectos, pela música electrónica, pelos filmes fantásticos e pela moderna literatura com os seus anti-heróis.

Convidando os homens a erguer-se e a levantar a cabeça conforme a expressão bíblica (Lucas 21:28), a Mensagem Adventista não incita ninguém a dar, pela fé, um salto para o desconhecido, mas chama cada um a entrar em contacto com um Deus pessoal, infinito, e com o conhecimento inteligível que Ele nos deu acerca da nossa salvação.

A Mensagem Adventista é também plenamente válida no plano **doutrinal**. Além da experiência pessoal, põe o acento na necessidade vital de uma doutrina directamente fundada na Bíblia. A maior parte das ideias assimiladas à religião são hoje sofrivelmente vagas. Contentam-se com uma breve definição, quando ela aparece. Trata-se, muitas vezes, de uma fé desprovida de qualquer conteúdo. Por outras palavras, há que crer para crer. Da mesma maneira, quando os cristãos do século 20 pisam as areias movediças das doutrinas nebulosas, muito se arriscam a verem-se, finalmente, engolidos nas profundezas da morte espiritual.

A Mensagem Adventista reserva um lugar importante à doutrina, ao que se objecta o seguinte: «O essencial é Jesus e não a doutrina!»

Nós mantemos, contudo, que a doutrina tem grande valor; porque é, precisamente a doutrina que exalta o Cristo Jesus e que define o que significa crer em Jesus Cristo. É claro que o importante não é aceitar ou rejeitar uma doutrina em si mesma, mas sim manter uma comunhão pessoal com Jesus. E, no entanto, para sermos levados a dar a nossa adesão a Jesus Cristo, é necessário saber, previamente, o que Ele ensinou; por outras palavras, temos de conhecer o essencial da Sua doutrina.

A doutrina relativa à Volta de Jesus é um elemento essencial da Mensagem do Evangelho. Quando os pioneiros da Igreja Adventista apareceram na cena da história, os seus contemporâneos acreditavam, de maneira geral, na noção do progresso invencível; aos olhos da maior parte das pessoas, a ideia de um fim do mundo parecia totalmente ridícula.

Ora, nos nossos dias, os sábios e os pensadores consideram o fim do mundo, pelo menos, sob três maneiras diferentes: 1) — uma destruição, a longo prazo pela extinção de toda a forma de vida no planeta, que seria devida ou ao frio, ou a um calor intenso; 2) — um fim a médio prazo, imputável a uma paralisia da biosfera, provocada por uma poluição generalizada da atmosfera; 3) — uma conflagração universal a breve prazo, consequência de uma formidável explosão atômica, ou talvez, de uma colisão com outro planeta.

Perante tais prognósticos, a doutrina da Segunda Vinda de Jesus está perfeitamente a propósito, tanto mais que os sinais da Volta de Jesus são visíveis, por toda a parte.

A grande controvérsia entre Deus e Satanás aumenta de intensidade. A Mensagem Adventista é pregada em todo o mundo. Trata-se de um sinal flagrante, que muito nos alegra, na medida em que a boa nova se propaga até aos confins da Terra, e que a Volta de Jesus, verdadeiro trovão a indicar a intervenção de Deus, se está aproximando cada vez mais.

Quanto à doutrina do **Sábado** é ela o fundamento da nossa fé em Deus Criador e contribui para elevar, espiritualmente, o homem que é convidado pelo Sábado a adorar a Deus e a comungar com Ele. Esta doutrina é, hoje, de uma importância vital, porque preserva os observadores do Sábado, da idolatria e influência da matéria, das pessoas e das ideologias, permitindo-lhes glorificar a Deus e adorar «Aquele que fez o céu e a terra e o mar e as fontes das águas». Aqui temos o elemento central da Mensagem Adventista.

Num tempo como o nosso, em que a dignidade do homem está continuamente em causa, é particularmente apropriado exaltar a paternidade de Deus e a fraternidade dos crentes agrupados em comunidades para adorar o Criador. Nesta linha de pensamento, qualquer segregação racial, económica ou qualquer outra, susceptível de afectar a comunidade, limita inevitavelmente a bênção associada ao culto do Sábado.

A Mensagem Adventista é profundamente válida sob o ponto de vista **profético**. Pelos fins do século passado, muito antes do maremoto do ecumenismo começou a rebentar as ondas sobre as igrejas, como aconteceu depois da Segunda Guerra Mundial, já a grande voz profética do Adventismo entrevira que uma armadilha se estenderia a coberto da «unidade»: «Romanistas, protestantes e mundanos mostrarão a mesma diligência para aceitar as formas de uma piedade fictícia e verão nesta união um passo decisivo para a conversão do mundo e a aurora de um milénio há muito esperado.» (**Conflito**, pág. 433). É um privilégio verdadeiro o sermos depositários de uma palavra profética destinada a guiar-nos, dando-nos uma interpretação lúcida da evolução das ideias no mundo religioso. Estamos, pois, bem colocados para evitar que nos deixemos extraviar pela miragem ecuménica ou por um falso «revivalismo».

Uma Mensagem adaptada às necessidades do homem

Finalmente, a Mensagem Adventista está perfeitamente apropriada às necessidades desesperadas da nossa sociedade. Longe de se limitar a anunciar para breve o caso que se esboça no horizonte apocalíptico, a nossa Mensagem **interessa-se pelas necessidades vitais do homem**. Não contente em obedecer ao apelo de Deus que nos convida a **sair** do mundo «babilónico» (Apocalipse 18:4), o povo adventista aceita assumir a responsabilidade que consiste em **ir** por todo o mundo para dar a conhecer aos homens do nosso tempo, tantas vezes desamparados e desorientados a única razão válida de viver e de esperar.

Os nossos **princípios sanitários** atinentes à alimentação e à vida diária constituem um exemplo para os nossos semelhantes. O valor prático destes princípios é evidente, pois que, de acordo com diversas estatísticas, está provado que os Adventistas do Sétimo Dia beneficiam, em média, de uma saúde melhor e vivem mais tempo que os não-adventistas.

A Mensagem Adventista exige, em toda a parte, onde for possível, que os seus porta-vozes se mantenham nas primeiras linhas da luta contra os flagelos do alcoolismo, do tabagismo e da droga. Paralelamente, o nosso movimento recebe a sua marca, graças às suas instituições médicas e à acção humanitária desenvolvida pela Beneficência Adventista.

O Adventismo exige que no seio do nosso mundo perturbado, os seus representantes se apliquem a espalhar sementes de paz, de boa vontade e que sejam francamente cooperativos. Não esqueçamos nunca que a responsabilidade suprema da Igreja Adventista no mundo consiste, antes de mais, em permitir aos nossos contemporâneos que **se preparem para se encontrarem com o Senhor**, que vai voltar, em breve. A nossa tarefa principal é a de conseguir conversões; o resto é secundário. Ora, isto pressupõe que sejamos homens e mulheres santificados, de modo a apresentarmos aos olhos dos que estão à nossa volta, um estilo de vida exemplar. O alcance prático da Mensagem deve, evidentemente, exprimir-se na vida dos adventistas antes de poder exercer uma atracção sobre os não-adventistas. A Irmã White declara a este propósito: «Deus quer que o Seu povo conserve as suas particularidades, que esteja separado do mundo, que seja um exemplo vivo de santidade, para que o mundo seja iluminado, convencido ou condenado, conforme a maneira como os homens acolherem a luz que lhes é comunicada» — **Testemunhos**, vol. 2, pág. 689.

O filósofo e escritor francês Jean Guittou escreveu, recentemente: «Parece que o mundo está em vésperas de um grande acontecimento desconhecido». Trata-se do mesmo acontecimento a que aludia Lord Tennyson nos famosos versos extraídos da sua obra **In Memoriam**:

«Um só Deus, uma só lei, um só elemento;
Um só acontecimento divino longínquo
Para o qual se volta toda a criação.»

Contudo, estes dois autores enganam-se, pelo menos, parcialmente, porque este tal acontecimento supremo nem é «desconhecido», nem «longínquo».

É esse regresso glorioso, cuja promessa nos foi feita pelo Salvador, regresso este que se aproxima a grandes passos. Cada dia que passa, mais nos vai aproximando desse glorioso evento, cada vez mais indispensável.

Pastor ROBERT R. FRAME

Presidente da Divisão Australasiana

Fixemos, portanto, resolutamente, os nossos olhos na Vinda de Jesus testemunhando com todo o dinamismo e toda a persuasão de que formos capazes, acerca do poder do Evangelho, de um Evangelho que deve ao mesmo tempo iluminar e aquecer o coração dos homens, esperando a hora em que a Terra inteira seja iluminada com a glória que marcará a Volta do nosso Rei.

TERÇA-FEIRA, 4 de Novembro de 1975

AS DIMENSÕES DA MORDOMIA CRISTÃ

«(A mordomia) é verdadeiramente a regra de vida do cristão. É por meio dela que o crente exprime o seu apeço pelos privilégios, ocasiões, força e talentos que lhe foram dados. A mordomia permite-nos ter uma justa concepção da vida; é essencial para a aquisição de uma experiência religiosa autêntica e vital. Não se trata de um simples consentimento mental, mas dum compromisso da vontade e de uma transacção deliberada que afecta a vida inteira. O próprio princípio da mordomia cristã não pode ser compreendido nem realizado, devidamente, sem que previamente tenhamos reconhecido a autoridade da Pessoa para com a qual somos responsáveis.» — L. E. Froom, *Stewardship in Its Larger Aspects*, p. 5.

Deus chama os homens a desempenhar as funções de administradores-adjuntos ao serviço do Evangelho. O apóstolo Paulo declara: «Que os homens nos considerem como ministros de Cristo e dispenseiros dos mistérios de Deus» (I Coríntios 4:1).

«Que os homens nos considerem, pois, como simples servidores de Cristo, como mordomos encarregados de gerir as verdades escondidas e os planos secretos de Deus» (I Cor. 4:1, transcrição moderna das Epístolas de Paulo, por Alfred Kuen). Neste passo, o grande e valente soldado da cruz trata do seu ministério apostólico e do dos seus colegas. Mas, na realidade, a mordomia cristã também diz respeito à totalidade dos discípulos de Cristo; é o que ressalta dos ensinamentos da Escritura e, nomeadamente, da parábola dos talentos (Mat. 25:14-30).

A Mensageira do Senhor chama a nossa atenção para o caso do jovem rico, cujo comportamento ilustra os princípios da liberalidade que devem motivar todos os que reivindicam o nome de Jesus: «Ao chefe tinham sido outorgadas riquezas para lhe dar a ocasião de ser um administrador fiel; devia dispensar os seus bens a favor dos necessitados. Da mesma maneira, hoje, Deus confia a homens os recursos, os talentos e ocasiões, para que se tornem seus instrumentos a favor dos pobres e dos que sofrem. Os que empregam os dons que lhes foram confiados de harmonia com os planos de Deus, tornam-se colaboradores do Sal-

vador. Ganham almas para Jesus, porque representam o Seu carácter.» — *O Desejado*, pp. 388, 389.

Estamos, por isso, perfeitamente no direito de afirmar que a nossa responsabilidade de ecónomos ao serviço de Deus, Supremo Administrador de todas as coisas, é uma doutrina cristã que toca mesmo no coração da nossa experiência espiritual. É totalmente compreensível que a maior parte de entre nós aplique a mordomia cristã à maneira como utilizamos os nossos bens; mas, de acordo com a Bíblia, a mordomia reveste-se de um significado muito mais amplo. Consideremos, pois, algumas dessas implicações, para reflectirmos nos investimentos de Deus, isto é, naquilo que nos confiou, acerca do uso que disso fazemos, e vermos, finalmente, em que medida o fazemos frutificar.

Os valores da fé

Escrevendo ao seu discípulo Timóteo, Paulo recorda-lhe o que Deus lhe deixou como depósito: «Ó Timóteo, guarda intacto o depósito da fé que te foi confiado. Fecha os teus ouvidos aos discursos ociosos e ímpios, aos argumentos contraditórios do que se chama «Ciência, Conhecimento», mas que não merece tal nome» (I Tim. 6:20, transcrição moderna das Epístolas de Paulo). Já notámos que Paulo e os seus colaboradores se consideravam como «intendentes encarregados de gerir as verdades ocultas» (I Cor. 4:1). Noutro lugar, fala do «mistério do Evangelho» (Efésios 6:19) e do «mistério da piedade» (I Tim. 3:16). Em suma, trata-se de valores que nos incumbem, como administradores-adjuntos, conservar intactos. Mas como é que poderemos desempenhar, eficazmente, o nosso papel?

Como depositários dos valores da fé, a primeira das nossas obrigações consiste em estudar seriamente a Palavra de Deus. É o único meio de permanecermos em contacto com o Supremo Administrador e de sabermos o que é que Ele espera de nós. Este primeiro conhecimento é para todo o mordomo cristão

um dever fundamental. O destino futuro de cada discípulo depende da seriedade com a qual ele vela pelos valores da fé e, mediante ela, preserva os valores na sua integridade.

Satanás está especialmente aplicado em desviar os homens da simplicidade do Evangelho para os levar para o domínio aliciante das filosofias humanas. Não temos de nos surpreender com esta tática, porquanto já nos primórdios da humanidade, Satanás começou por atrair os nossos primeiros pais por meio da árvore do conhecimento do bem e do mal. Nunca deveríamos consentir sequer no pensamento de que a sabedoria deste mundo é de molde a dar-nos o discernimento necessário para compreender o que Deus claramente revelou. Livremo-nos de confundir as ervas daninhas com o precioso trigo da revelação divina.

A verdade deve ser comunicada

Ser mordomo dos valores espirituais da fé implica o dever de compartilhar com o seu próximo os mistérios do Evangelho (ver 2 Tím. 2:2). De facto, é partilhando a verdade que mais nos enraizamos nela. Paulo exorta Timóteo nestes termos: «E o que de mim, entre muitas testemunhas ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idóneos para também ensinarem os outros.» Importa que cada qual tome consciência desta responsabilidade que consiste em dar a conhecer aos nossos semelhantes o que nós sabemos acerca da verdade revelada. Não há nenhum aspecto da mordomia cristã mais importante do que este.

Se a fé de uma pessoa estiver fundada na Palavra divina, o seu coração estará tanto e tão bem ligado à Obra divina, que porá generosamente os seus meios à disposição desta mesma Obra. Pelo contrário, os que prestam pouca atenção aos valores espirituais do Evangelho têm a tendência para restringir a sua participação no desenvolvimento da Igreja de Deus.

Os recursos da vida espiritual

A vida eterna é o dom de Deus livremente consentido em Cristo. «Os que conhecem Jesus como é na realidade, e que O recebem no seu coração, têm a vida eterna. Jesus habita em nós pelo Espírito. O Espírito de Deus, recebido no coração pela fé, é o começo da vida eterna.» — **O Desejado**, p. 287. Que prodigioso investimento que Deus assim não faz! Mas não podemos ficar por aqui, porque a vida de Jesus em nós deve ser mantida; ainda mais, deve desenvolver-se graças aos recursos postos à nossa disposição. A Sagrada Escritura assim o salienta com força: devemos crescer «na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo» (2 Pedro 3:18). «Assim como a nossa vida física é mantida pelos alimentos, também a nossa vida espiritual depende da Palavra de Deus. Cada alma deve receber, por sua própria conta, a vida que reside na Palavra de Deus. Da mesma maneira que, cada qual para ser alimentado, tem de comer a sua porção, assim também, cada um de nós tem de receber a Palavra de Deus. Não nos podemos contentar com recebê-la por inter-

médio de outra pessoa. Temos de estudar a Bíblia com cuidado, pedindo a Deus a ajuda do Espírito Santo para podermos compreender a Sua Palavra. Devemos escolher um versículo e concentrar a nossa atenção sobre o seu conteúdo para descobrir o pensamento que Deus ali escondeu para nós; temos de reflectir até lhe assimilarmos o pensamento e ficarmos a saber 'o que o Senhor diz'. **Idem**, p. 289. Por outras palavras, a Bíblia contém os tesouros da vida espiritual. Podemos apropriar-nos destes valores espirituais, meditando na Palavra de Deus e permanecendo em viva comunhão com o Senhor: «Graças a uma comunhão contínua, Jesus recebia de Deus uma vida que podia comunicar ao mundo. Pois nós somos chamados a repetir a mesma experiência.» — **Idem**, p. 269.

A Irmã White ainda escreve o seguinte na mesma obra: «Temos de olhar sempre para Jesus e compreender que é o Seu poder que actua. Mesmo a trabalharmos com zelo para salvar os que estão perdidos, tiremos tempo para orar e para meditar a Palavra de Deus. Os esforços têm de ser acompanhados de muita oração e santificados pelos méritos de Jesus, pois só assim é que estaremos ao serviço, de maneira durável, da boa causa.» — **Idem**, p. 268.

Os talentos são capitais que Deus nos confiou

Segundo as convicções professadas pela nossa Igreja, Jesus é, ao mesmo tempo, a esperança da Igreja e a do Mundo. Dizemos que esperamos a Volta de Jesus. Mas como é que a devemos esperar? G. Campbell Morgan julga que «o melhor meio de esperar a Volta do Senhor, durante o breve intervalo que nos separa dela, consiste em evangelizar para levar os homens a Jesus». De resto, foi precisamente, este o objectivo para o qual foi instituída a Igreja cristã, e assim mesmo inaugurou a sua missão, de acordo com os termos do mandato que lhe foi confiado (Ver Mateus 28:12-20; Marcos 16:16). Efectivamente, este mandato evangélico diz respeito à totalidade dos crentes: «Todos os que recebem a vida de Jesus são postos de parte para trabalhar na salvação dos seus semelhantes. É em vista desta obra que a Igreja foi estabelecida, e todos os que entram na Igreja comprometem-se solenemente, por isso, a tornarem-se colaboradores de Jesus.» — **Idem**, p. 609.

Todo o discípulo de Jesus, candidato ao reino de Deus entra nele, na qualidade de missionário. A Serva do Senhor escreve a este respeito: «O nosso campo de actividade aqui em baixo é tão certo como o lugar que o Senhor nos foi preparar nos átrios celestes.» — **Parábolas**, pp. 326, 327.

Membros da Igreja dotados de talentos

Mas, para estarmos em condições de realizar esta tarefa, o Senhor deu-nos um capital constituído pelos talentos que nos confiou (Ver Mateus 25:14-30). No livro **Parábolas**, a Irmã White comenta a parábola dos talentos de uma maneira totalmente clássica. Diz ela claramente: «Os talentos que Jesus confiou à Sua

Igreja representam os dons e as graças que o Espírito Santo lhe comunica.» (**Parábolas**, p. 327). «A parábola — prossegue — não representa, apenas os dons particulares do Espírito Santo. Engloba todos os dons e todas as faculdades, quer sejam originais ou adquiridos, naturais ou espirituais. Todos devem ser empregados ao serviço de Cristo.» (Pág. 328). Também o nosso tempo, os nossos talentos, os nossos bens, o nosso dinheiro, os nossos meios — são tantos outros talentos dos quais teremos, especialmente, de responder perante Deus.

Ainda mais, a Serva do Senhor sublinha que não poderemos impunemente dar mostras de indiferença e de indolência, ou agir à nossa vontade, no que diz respeito ao emprego dos nossos talentos: «No grande dia do julgamento, os que não tiverem trabalhado para Cristo, os que forem vegetando lamentavelmente, sem terem querido assumir nenhuma responsabilidade, que só pensaram em si mesmos — serão classificados pelo Juiz de toda a terra, na categoria dos maus, e receberão a mesma condenação.» (**Idem**, p. 365).

É por isso que «o nosso primeiro dever para com Deus e para com o nosso semelhante é o de desenvolver as nossas faculdades. Quem não aumentar as suas capacidades, de dia para dia, não alcançará o objectivo da sua vida». (**Idem**, p. 335).

A Irmã White adverte-nos: «Se não sentirdes que tendes de ser uma bênção para os outros, se não trabalhades com Deus, aqui, na terra, não haverá lugar para vós nas mansões celestiais.» (**Review and Herald**, 11 de Agosto de 1891).

O Dr. A. T. Pierson lembrou-nos que «a nossa responsabilidade não consiste em converter os nossos semelhantes, mas em entrar em contacto com eles. Não temos de constranger, quem quer que seja, a dar a sua adesão a Jesus Cristo. Contudo, somos necessariamente levados a obrigar moralmente todo o homem a tomar posição, de uma maneira ou outra. Por outras palavras, podemos levar a Mensagem do Evangelho a cada ser humano de tal modo que a nossa responsabilidade fica desligada, e a do ouvinte fica comprometida, pelo que não teremos de responder pelo seu sangue. De qualquer maneira, se cumprirmos o nosso dever, as consequências ficam nas mãos de Deus».

Evidentemente que Satanás não quer uma coisa destas. Por isso, desenvolve esforços constantes para imunizar os homens por meio de uma vacina na base do cristianismo mitigado. A propósito dos crentes que negligenciam assumir as suas responsabilidades de mordomos do Senhor. O Dr. William Culberston diz num sermão intitulado «Levar a sua cruz e seguir o Mestre: «Milhões de cristãos vivem numa espécie de nevoeiro sentimental feito de vaga piedade acompanhada de uma doce música de órgão e sob a luz multicolor dos vitrais da igreja. A sua religião consiste num frémido emocional quase sensual isolado das realidades e do intelecto, uma religião que, no final das contas, não exige grande coisa, senão algumas palavras exprimindo banalidades inofensivas. Penso que Satanás renunciou a querer persuadir os

homens que ignorem completamente a Deus. Efectivamente, se um homem se afasta suficientemente do Cristianismo, Satanás receia que por causa desse mesmo afastamento, tal indivíduo possa ver o Evangelho na sua verdadeira perspectiva. É por isso — sob o ponto de vista de Satanás — que é melhor vacinar um homem com uma dose fraca de Cristianismo, para o presumir contra o verdadeiro Cristianismo.»

O único meio válido de corrigir esta atitude funesta é ter a mesma visão das coisas que o Supremo Administrador, isto é, considerar os homens como Ele próprio os considerava. «Em cada homem, Jesus via uma alma perdida, que Ele tinha por missão salvar». (**O Desejado**, p. 261).

A mordomia vista sob um ângulo maior

A verdadeira mordomia cristã implica, da parte do homem, uma atitude particular a respeito de tudo o que está sob o seu controlo, influenciando as coisas materiais, porque estas têm incidências sobre a vida espiritual. À medida que tomamos conhecimento da origem espiritual, do objectivo e do significado dos nossos bens, a mordomia cristã leva-nos a gerir as nossas posses materiais, de acordo com a regra áurea e não como se estivéssemos sob o império de Mammon.

Seja qual for a actividade que um cristão for chamado a realizar, deve considerá-la como um negócio de Deus e para Deus; deve ser administrada de colaboração com Ele. Quando S. M. Colgate, o director da grande fábrica de pastas dentífricas do mesmo nome — Colgate — começou a produzir sabonetes, estabeleceu um pacto com o Senhor, pelo qual prometeu entregar o dízimo dos seus lucros, para financiar a propagação do Evangelho. Desde o início, o seu negócio desfrutou da bênção divina, e tornou-se, cada vez mais próspero. À medida que os lucros iam aumentando, também as suas ofertas para a Causa de Deus se tornavam mais importantes, até que chegou o dia em que Colgate acabou por entregar ao Senhor metade dos seus ganhos para a proclamação do Evangelho.

Concluindo: lembremo-nos de que a mordomia cristã é um apelo para uma consagração total. David Livingstone, esse homem que viveu essencialmente, para ser uma bênção para os seus semelhantes, dizia: «Não ligo nenhum valor ao que tenho ou ao que poderei vir a ter, se tais coisas não estiverem relacionadas com o reino de Cristo. Se eu tiver qualquer coisa susceptível de favorecer os interesses do Seu reino, dá-la-ei ou ficarei com ela, conforme — dando-a ou guardando-a — eu puder contribuir para glorificar Aquele a Quem devo todas as minhas esperanças presentes e eternas.»

Escrevia, finalmente, no seu Diário: «Jesus, meu Rei, minha vida, meu tudo, a Ti consagro, de novo, todo o meu ser.»

Que também seja esta para nós a nossa resolução, quando reconhecermos os direitos soberanos de Deus sobre o que nós somos e sobre todas as coisas que possuímos.

CUMPRIR HOJE A NOSSA MISSÃO

«Ide» (Mat. 28:19; Marc. 16:15). Com esta ordem lapidar o Senhor indicava aos Seus discípulos o que constituía o Seu mandato solene. Quando receberam o poder do Espírito Santo, estes primeiros embaixadores do Evangelho executaram, notavelmente a sua ordem de missão, e os resultados foram prodigiosos. Três mil novos discípulos foram baptizados após o primeiro sermão evangélico (Actos 2:41). Bem depressa, estes recém-convertidos se tornaram, por sua vez, propagadores do Evangelho, junto dos seus cidadãos.

Evidentemente que acreditamos que a ordem do Senhor de ir por todo o mundo, se dirige, também a nós, Seus discípulos, no século vinte. Vamos, contudo, fazer-Lhe algumas perguntas a este propósito: Senhor, queres realmente dizer a mesma coisa que disseste há dois mil anos? Pedes-nos, também hoje, que vamos pregar, literalmente, «a toda a criatura... em todas as nações?» É isto precisamente o que Tu esperas de nós, tendo em conta a explosão demográfica, os graves preconceitos que existem contra a religião, a multiplicidade dos obstáculos no plano internacional e as tensões ideológicas aparentemente intransponíveis?

Pois bem, depois de havermos formulado todas estas perguntas e considerado, novamente, a ordem do Mestre, temos de convir que a mesma permanece inalterada: «Ide por todo o mundo e pregai a boa nova a toda a criação.» Que é que esta ordem significa, hoje, para nós?

Procuremos transportar-nos à época em que Israel acampava em Cades-Barnea, na fronteira de Canaã. Os doze espíões enviados em missão de reconhecimento haviam regressado da sua viagem incógnita à Terra Prometida. Apesar da promessa de Deus: «Eu vos farei entrar na terra... e vo-la darei por herança (Êxodo 6:8), dez de entre eles não rezearam afirmar: «Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós... e todo o povo que vimos no meio dela são homens de grande estatura; e vimos ali gigantes...» (Números 13:31, 33). Porém, dois dos doze espíões, enviados à Terra de Canaã exprimiram um ponto de vista totalmente diferente: «Subamos, animosamente, e possuamos a terra em herança, porque certamente prevaleceremos contra ela» (Números 13:30). Esta declaração cheia de confiança estava em contraste flagrante com o pessimismo manifestado pelos outros dez, que pareciam ter sido impressionados, sobretudo pelas altas muralhas, pelas cidadelas fortificadas e pelos famosos gigantes ao lado dos quais eles se consideravam «como gafanhotos» (versículo 33). Caleb e Josué tinham visto, de-

certo, também, os mesmos gigantes e as mesmas muralhas imponentes. A diferença provinha do facto de estes dois homens acreditarem na promessa de Deus (ver **Testemunhos**, vol. 4, p. 149).

Que é que teria acontecido se os filhos de Israel tivessem enfileirado ao lado de Caleb e de Josué? Que é que teria resultado se todos tivessem posto a sua confiança total na promessa do Eterno? Podemos fazer a este respeito um certo número de perguntas; mas as respostas não oferecem nenhuma dúvida. A narração sagrada informa-nos que numa geração, mais tarde, as coisas se passaram da mesma maneira como poderiam ter sucedido naquele momento: foram sucessivamente a passagem milagrosa do Jordão (Josué 6), a queda das muralhas de Jericó (cap. 6), a tomada da cidade de Ai (cap. 8), o esmagamento dos Amorreus debaixo de uma chuva de pedras de saraiva enormes (capítulos 10 e 11), a paragem do Sol em Gábaon (cap. 10:12-14). Deus teria, decerto, realizado tudo isso e mais ainda, se tivesse sido necessário, a favor dos israelitas que tinham vivido no decorrer da geração precedente; mas não o fez, por causa da incredulidade deles e da desobediência que daí resultou.

Esta incredulidade dos filhos de Israel tinha-se agravado por causa da sua falta de memória. De facto, como é que eles puderam esquecer-se tão rapidamente das intervenções maravilhosas do Senhor, nomeadamente, da libertação do país do Egipto, ocorrida alguns meses antes, sem falar do milagre quotidiano do maná, graças ao qual foram alimentados no deserto, e da água que obtiveram no momento oportuno para lhes estancar a sede? E no momento em que rebentava entre eles a revolta fatal, Deus continuava a protegê-los do sol escaldante, sob a coluna de nuvem (ver Salmo 78:11-15; Êx. 13:21, 22; **Patriarcas e Profetas**, p. 287).

Um relatório exagerado

Mas, de facto, seria verdade que todos os cananeus eram gigantes? Seria verdade que **todas** as cidades e as cidadelas daquela terra eram, também, fortalezas inexpugnáveis? Evidentemente que não. Não procuravam, antes, os filhos de Israel, simples pretextos para a sua incredulidade, esforçando-se por generalizar as coisas sem uma razão válida e fazendo suposições, sem nenhum fundamento?

O que se ouve hoje, entre os pretensos crentes, parece-se bastante com o relatório apresentado por aqueles dez espíões. A dar ouvidos a estes novos

relatórios, teríamos de nos defrontar com gigantes invencíveis, com obstáculos intransponíveis e com dificuldades insuperáveis. Algumas coisas parecem dar-lhes razão. A explosão demográfica, por exemplo. Vivem, presentemente na Terra cerca de quatro biliões de pessoas. A população mundial aumenta dois por cento (isto é de 75 a 80 milhões de pessoas), por ano, o que deve levar ao dobro de pessoas, isto é, oito biliões em 2010. Nesta cadência, o número de nascimentos por ano, por mês e por dia é forçosamente mais elevado do que o número de pessoas susceptíveis de serem contactadas pelos nossos métodos de evangelização: a pregação, a educação, a obra médica, a página impressa. Sob o ponto de vista meramente estatístico, é possível provar que estamos, diariamente, um pouco mais ultrapassados para bem cumprirmos a nossa ordem de missão que consiste em tornar «em discípulos todas as nações» (Mateus 28:19). Duplicando, triplicando, mesmo quadruplicando os esforços desenvolvidos, actualmente, seria impossível lá chegar para cumprir tal missão. Isto, com as estatísticas na mão. É um **facto** inegável, um facto medonho que assume o aspecto de um gigante.

Também se põe, frequentemente, o dedo, numa outra realidade: importantes fracções da população mundial parecem praticamente impermeáveis à mensagem do Evangelho, incluindo a do terceiro anjo que, conforme acreditamos implica uma verdade especialmente destinada à nossa época. Entre estas populações aparentemente inacessíveis, há que mencionar os neo-pagãos e os incrédulos que se encontram em número crescente nas sociedades de tradição cristã. Mesmo nas regiões onde a nossa Igreja está fortemente implantada, onde temos importantes instituições e onde o efectivo dos nossos membros é relativamente elevado, a Mensagem que nós proclamamos não é ouvida senão por um número de pessoas relativamente restrito e aceita ainda por uma minoria ainda mais fraca. Vemos neste facto, não sei quantas fortalezas feitas de preconceitos, de indiferença e de auto-suficiência que as torna impenetráveis.

Também temos de contar com aquela espécie de filósofos da História que armando-se em profetas, prezem que este movimento representado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia acabará, mais cedo ou mais tarde, por perder de vista o sentido da sua missão. Sublinham o facto de que, no passado, outras igrejas e outros movimentos chegaram a esquecer-se da sua razão de ser. A dar crédito a estes filósofos pseudo-profetas, também o nosso Movimento não vai escapar a esta lei da História, porque esta apresenta a prova de que a natureza humana abandona mui facilmente o combate para o triunfo da verdade (Canaã) para encontrar uma coexistência fácil com o erro (o Egipto).

Tais são os factos; tais são alguns dos argumentos apresentados. Mas resta, contudo, uma pergunta, uma só, que merece resposta. Ei-la: Não haverá, porventura, uma resposta decisiva capaz de reduzir ao silêncio todas estas objecções?

Consideremos, outra vez, a atitude de Caleb e de Josué. Procuravam eles ignorar as realidades inegáveis de que haviam sido testemunhas? Apresentavam uma atitude de presunção? De nenhum modo; acreditavam, porém, ardentemente, numa realidade mais poderosa, num facto dominante capaz de destruir todos os outros. Esta realidade era o próprio Deus e a certeza das Suas promessas. Ora, o testemunho da História prova que a fé deles era perfeitamente justificada. Efectivamente, tudo o que Deus fez por Israel, quarenta anos mais tarde, tê-lo-ia, certamente realizado **desde a chegada de Israel às fronteiras de Canaã**, se o povo tivesse acreditado e obedecido, como fizeram Caleb e Josué.

A fé não é presunção

Voltemos, porém, à nossa época e à missão que nos incumbe. Seria, porventura, presunçoso da nossa parte dizer: «Para a frente!... Nós somos capazes de...?» Certamente que não seria presunçoso, mas com uma condição: tal como Caleb e Josué, se acreditássemos em Deus e estivéssemos dispostos a cingir-nos ao Seu plano e a segui-lo.

Realizaremos, assim, o plano de Deus. — Indo por todo o Mundo para pregar «a boa nova do Evangelho a toda a criatura» (Marcos 16:15), nós obedecemos à ordem de Deus; realizamos o Seu plano dando a conhecer aos homens o Seu apelo para o arrependimento (ver Actos 17:30), dando-lhes a garantia do Seu perdão (I João 1:9) e propondo-lhes a solução vital da salvação pelo Seu Filho, Jesus (I Tim. 2:14). Cumprimos, assim, a nossa missão de «embaixadores de Cristo» exortando todos os homens, em todos os lugares, a reconciliarem-se com Deus. (2 Cor. 5:20).

Proclamaremos a Mensagem de Deus. — Trata-se de uma Mensagem especial vinda de Deus, destinada aos homens do nosso tempo e simbolizada pelos três anjos voando pelo meio do céu. Esta Mensagem contém a resposta divina às mais urgentes necessidades da família humana, hoje:

— a necessidade de reconhecer a fonte suprema da verdade e da autoridade: «Temei a Deus» (Apocalipse 14:7).

— a necessidade de dar glória, não a nós mesmos, mas a Deus por tudo aquilo que somos e possuímos: «dai-Lhe glória» (Apoc. 14:7).

— a necessidade de viver na ordem e na legalidade perante a certeza do juízo de Deus: «porque vinda é a hora do Seu juízo» (Apoc. 14:7).

— a necessidade de adorar a Deus, nosso Criador, «Aquele que fez o céu e a terra e o mar e as fontes das águas» (Apoc. 14:7).

— a necessidade de directivas precisas no meio da confusão do pecado e da apostasia: «Caiu, caiu Babilónia a grande cidade» (Apoc. 14:8).

— a necessidade de uma ideia exacta relativa à grande alternativa perante a qual todo o homem se encontra colocado: de um lado, a morte e a destruição eternas, consequências da desobediência à Lei de Deus; do outro, a vida eterna resultante da fidelidade

para com «os Mandamentos de Deus e a fé de Jesus» (Apoc. 14:12).

O poder e a presença de Deus dão as capacidades requeridas. — Se realizarmos o plano de Deus, proclamando a Sua Mensagem, o próprio Deus promete assistir-nos com o Seu poder e presença. A ordem de marcha: «Ide», contida em Mateus 28:19 está precedida, no versículo 18 desta afirmação: «É-me dado todo o poder no céu e na terra», sem contar com a promessa deixada como conclusão no versículo 20: «Eis que Eu estou convosco, todos os dias, até ao fim do mundo».

O plano de Deus há-de ter êxito. O plano de Deus é um projecto destinado a cumprir-se. As cenas proféticas evocadas no livro do Apocalipse ilustram, sobejamente, o êxito final do plano de Deus. Estas cenas descrevem uma multidão de homens resgatados, verdadeiramente arrancados das garras deste mundo, procedentes de toda a tribo, de toda a língua, de todo o povo e de toda a nação. (Actos 5:9-11). Longe de ser um malogro, há-de ser um êxito retumbante. Temos, por isso, a garantia de que a Mensagem de Deus será não só difundida, mas ouvida e aceita e que terá a sua realização de acordo com o projecto inicial. O plano de Deus não terminará numa derrota, mas acabará em triunfo.

Sentimos que o Movimento Adventista se encontra hoje numa situação comparável, sob muitos aspectos, à de Israel, quando chegou à entrada da Terra prometida, em Cades-Barnea.

É evidente que Deus tem feito muita coisa por nós. Tem-nos prodigalizado dons em abundância. A partir de fracos princípios espalhados num só país — a América — permitiu-nos com a Sua graça, atingir as dimensões de uma Igreja mundial estabelecida em 189 países, e cuja Mensagem é propagada em mais de 500 línguas (**Annual Statistical Report**, pp. 31 e 32). Pôs à nossa disposição um grande número de meios e de instruções precisas para as utilizar eficazmente. Eis alguns destes meios:

— Uma doutrina solidamente assente na Bíblia, teologicamente séria e perfeitamente inteligível.

— Uma organização mundial bem estruturada, devidamente adoptada a tipos de cultura múltiplos e a circunstâncias diversas. Organização unificada, graças à existência de uma autoridade mundial, mas que está descentralizada quanto à responsabilidade do desenvolvimento da «obra».

— Uma ética e um sistema de educação capazes de manter a integridade da nossa Mensagem no seu espírito e na sua letra.

— Um dispositivo que permite o funcionamento da mordomia cristã, no qual cada membro e cada território contribuem para apoiar «a causa».

— Um plano que preconiza um estilo de vida equilibrado e que favorece a restauração da imagem de Deus no homem.

Sem falar de muitos outros que nós acreditamos serem inspirados por Deus, estes meios têm permitido a marcha dum movimento unido no plano doutrinário e no plano da evangelização mundial, que goza, nos seus diferentes sectores, da capacidade de acção necessária para o funcionamento normal da organi-

zação, mesmo quando estes se encontram geograficamente isolados. Onde não houver barreiras territoriais intransponíveis, este conjunto de disposições apresenta a vantagem de múltiplas possibilidades de troca no plano dos pregadores, das concepções e dos programas.

Quando recapitulamos o que a divina Providência nos tem concedido, não devemos esquecer que tudo quanto nos foi dado se destina à realização de uma gigantesca missão: a de proclamar ao mundo inteiro a última Mensagem de Deus. A substância desta Mensagem e o objecto da nossa missão constituem o próprio fundamento da unidade do nosso movimento mundial.

E é, hoje, a Igreja capaz de executar o plano de Deus? Estamos — nós, actualmente, à altura de dar a Mensagem a todo o Mundo? Será possível atingir as centenas de milhões de pessoas que a família humana conta nesta geração? Estamos nós em condições de superar as oposições que vêm do paganismo e do pseudo-cristianismo, tal como hoje se nos apresentam? Pode ser tirado do seu torpor o espírito actual de mundanidade e de materialismo?

Há entre nós alguns tantos que parecem obnubilados por todos estes obstáculos, a ponto de se fazerem eco das palavras derrotistas proferidas pelos dez espiões quando regressaram de Canaã: «Não podemos subir contra este povo, porque é mais forte do que nós.» (Números 13:31).

Mas, porque é que nos deixaríamos escorregar pela encosta abaixo do derrotismo? Meu irmão, minha irmã, caro colega no Ministério, ouçamos as palavras de Caleb e de Josué proclamando a sua fé no plano de Deus: «Subamos animosamente e possuamo-la em herança, porque certamente prevaleceremos contra ela.» (Números 13:10). Aos olhos destes dois homens, a inegável realidade de Deus excedia em muito as dificuldades e as circunstâncias desfavoráveis nas quais se encontravam. A sua confiança no plano de Deus era bastante para reduzir ao silêncio os argumentos da dúvida. Assim também acontecerá conosco na medida em que, como eles, confiarmos no nosso Deus e nos comprometemos, sem reserva para a realização dos Seus planos.

Que nós possamos estar atentos às exortações da Serva do Senhor relativas ao tempo do fim: «Não há lugar para duvidar nem para temer qualquer malogro para a Obra de Deus. Deus está à frente da Obra ... Tenhamos confiança: Deus conduzirá, com toda a segurança ao porto de salvamento o nobre navio que transporta o Seu povo.» (**Mensagens Escolhidas**, vol. 2, p. 390).

Se acreditamos em Deus, porque é que nos havemos de deixar vencer pela dúvida? Se temos confiança no Seu plano, porque é que nos havemos de deixar paralisar pelo temor? O Senhor não Se contenta com o dizer-nos: «Ide!». Dá-nos, efectivamente, esta garantia: «Foi-Me dado todo o poder no céu e na terra» (Mateus 28:18), e a Sua promessa é válida, em todas as circunstâncias: «E eis que Eu estou convosco, todos os dias, até à consumação dos séculos.» (Mateus 28:20).

O DESPERTAMENTO PELO ESTUDO DA BÍBLIA

Diariamente, no trabalho de Deus, tenho sido levado a verificar que não há nada melhor para garantir a intimidade e a continuidade da minha comunhão com o Senhor como permanecer em contacto continuado com a Sua palavra estudando-a, todos os dias, com oração.

A Irmã White escreveu o seguinte: «A Bíblia deve ser a nossa permanente companhia.» — **Life Sketches**, p. 26.

«Pergunta-se, por vezes, qual é a causa da esterilidade na Igreja. Eis a resposta: porque deixamos que os nossos espíritos se afastem da Palavra.» — **Testemunhos**, vol. 6, pp. 392, 393.

«Quando o trabalho se torna penoso, e começamos a sentirmo-nos desencorajados e a abandoná-lo, peguemos na nossa Bíblia e, de joelhos diante de Deus, digamos-Lhe: Senhor, eu agarro-me à Tua palavra.» — **Life Sketches**, p. 285.

Podemos acumular conhecimentos e ciência, capitais e bens materiais, prazeres e poderio, honras e a consideração dos homens; mas, se negligenciarmos adquirir os inestimáveis tesouros da Omnipotência divina que brotam da leitura da Bíblia feita num espírito de oração, a nossa comunhão com Deus ficará letra morta. Ficaremos, cada vez mais, absorvidos pelas coisas materiais; a nossa fé irá diminuindo e a nossa vida espiritual traduzir-se-á por experiências superficiais, fúteis, desastrosas mesmo. Se for esta a nossa situação, é absolutamente necessário que as coisas mudem. A exortação do profeta é-nos dirigida, directamente: «Buscai ao Senhor, enquanto se pode achar.» (Isaías 55:6).

Chegado a um determinado estádio da minha experiência religiosa, sentia-me estranhamente à vontade, imperceptivelmente mais preocupado com o decorrer da minha vida diária do que com a minha piedade interior. É certo que não estava perdido nem demasiadamente afastado de Deus. Entretanto, resolvi observar mais atentamente a minha conduta. Cheguei, assim, a sentir a necessidade de uma comunhão quotidiana mais viva com o meu Pai celestial. Resolvi, por isso, passar todos os dias, uma boa parte do tempo na presença do Senhor, mediante a oração e o estudo da Sua santa Palavra.

Não há dúvida de que Deus deseja que sejamos mais santos na nossa maneira de viver (2 Pedro 3:11, 14) e mais ardorosos quando se trata de darmos o nosso testemunho pela Sua Causa (Ver 2 Cor. 4:13).

Caros amigos, o único meio de conseguirmos isto foi indicado pelo próprio Jesus: «Estai em Mim e Eu em vós... porque sem Mim nada podeis fazer... permaneci no meu amor.» «Não Me escolhestes vós a Mim, mas Eu vos escolhi a vós e vos nomeei para

que vades e deis fruto e o vosso fruto permaneça...» (João 15:4, 5, 9, 16).

Nosso Senhor não fala, apenas, aqui, da comunhão íntima que devemos manter com Ele; fala, também, da sua consequência natural, isto é, do testemunho pessoal que somos chamados a exprimir: «para que vades, e deis fruto». Talvez haja quem pergunte: Como é que eu posso permanecer em Cristo para dar o meu testemunho? A primeira coisa a efectuar consiste em tomar, pessoalmente, profundamente e quotidianamente, contacto com a Bíblia. De resto, é este um dos nossos primeiros deveres, como adventistas. A irmã White indica-nos as razões: «Há muitas pessoas que fazem profissão de servir a Deus, mas não; realmente, não O conhecem. O desejo de tais pessoas de fazerem a vontade de Deus assenta nas suas próprias inclinações, e não sobre a poderosa acção do Espírito Santo... Não estão, pessoalmente, relacionadas com um Salvador vivo. ... Jesus enumerou os inconvenientes que põem a alma em perigo... e são os «cuidados do mundo», a «sedução das riquezas» e «a invasão das outras cobiças»... «as riquezas e os prazeres da vida».

«Algumas pessoas deixam-se absorver de tal modo pelas suas ocupações que não têm tempo para orar, estudar a Bíblia, procurar o Senhor e servi-Lo...»

«Outras actuam diferentemente e trabalham para o bem dos seus semelhantes, mas cometem um erro análogo. Os seus deveres são tão prementes e tão numerosas as suas responsabilidades que se esquecem do exercício da piedade.» — **Parábolas**, pp. 48-52.

Se um grande número de entre nós, que vivemos, presentemente, uma vida egoísta e materialista tomássemos consciência da nossa condição de pobreza espiritual, exclamaríamos: «Miserável que eu sou!» (Romanos 7:42), — do que resultaria uma verdadeira bênção.

Não há dúvida de que devíamos conceder mais tempo aos valores eternos, entre os quais a leitura diária da Palavra de Deus devia ocupar um lugar escolhido, paralelamente com a oração privada. Assim, convenientemente alimentada, a nossa fé nas promessas de Deus poderia aumentar, assim como também aumentaria o desejo de comunicarmos isto mesmo aos que nos rodeiam, fazendo-os participantes do que sentíssemos no fundo dos nossos corações.

A fé provém daquilo que ouvimos

«De sorte que — escreve o apóstolo Paulo — a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus (Romanos 10:17).

Porquê? — Porque estamos na sala de audiência do Altíssimo, na mesma presença do Eterno, quando estudamos a Sua Palavra.» — **Avec Dieu chaque jour**, p. 287.

«Uma voz que vem do céu, a nós se dirige através das suas páginas.» — **Sons and Daughters of God**, p. 190.

Eis um excerto de um artigo de Robert H. Pierson: «No passado, o despertamento e a reforma estiveram estreitamente associados ao estudo da Palavra de Deus. Hoje, como outrora, isto mesmo se deve passar na Igreja Adventista. O verdadeiro despertamento, acompanhado de uma reforma séria só surgirá quando, como povo de Deus, regressarmos à Bíblia. A Palavra de Deus tem de se tornar, novamente, o grande centro de interesse dos Adventistas do Sétimo Dia.» — **Review and Herald**, 15 de Agosto de 1974, p. 9.

O nosso Irmão tem razão. Se queremos que o despertamento e a reforma irrompam nas nossas vidas e na vida da Igreja, temos necessariamente de regressar às Escrituras para aí encontrar o que Deus tem para nos dizer.

Aos olhos de muitos cristãos, temos, como Igreja, a reputação de sermos «o povo da Bíblia». Mas que é que se passa a este respeito, com cada um de nós, pessoalmente? Qual é a nossa atitude de espírito a respeito da Bíblia? Podemos perguntar quantos entre nós, pregadores ou membros leigos, somos verdadeiramente fiéis leitores das Sagradas Escrituras? Quantos de entre nós sentimos uma verdadeira paixão pelo livro sagrado? No momento em que estais a ler este artigo, podereis afirmar que, hoje mesmo, já vos alimentastes com a Palavra de Deus? Orastes para obter as disposições interiores requeridas para se lerem utilmente as suas páginas sagradas?

Não falo do estudo diário da Escola Sabatina, nem da Vigília Matinal, mas do tempo real que devemos passar sós — sim, sozinhos — com Deus e a Sua Palavra, como Jesus no-lo prescreveu em Mateus 6:6.

É claro que acreditamos que a Bíblia é a Palavra de Deus revelada. Mas, neste caso, o essencial não é saber se cremos nisso ou não. Trata-se, antes de mais, de saber se a Bíblia faz parte integrante da nossa vida, se ela vive em nós, se lhe reconhecemos o seu papel vital na alimentação da nossa vida espiritual, tal como o pão é indispensável para o nosso sustento físico.

Mais do que nunca, temos necessidade de retomar contacto com a Bíblia. Temos para isso muitas razões. Limito-me a citar duas, que considero particularmente importantes:

- 1) — Lemos no Salmo 119, versículo 11: «Escondi a tua palavra no meu coração para não pecar contra Ti.»

«Para não pecar!» Pensamento grave, entre todos!

O pecado é qualquer coisa de horrível. É como um corpo estranho que afecta toda a nossa vida, que destrói o nosso corpo, a nossa saúde, até mesmo as

nossas vidas. Pior ainda: o pecado aniquila a fé em Deus, a nossa confiança em Jesus e a nossa esperança nas Suas promessas.

A Bíblia instrumento de vitória

Satanás engendra o pecado para nos mergulhar na confusão, na perturbação e separar-nos de Jesus. Por isso, Deus deu-nos a Sua Palavra, a Bíblia, para que não pecássemos contra Ele. Na nossa luta contra o pecado, temos, certamente, necessidade da Palavra de Deus. É ela uma luz que nos leva a Jesus, pois só Ele é que nos perdoa e destrói em nós o pecado.

Quando foi tentado no deserto, foi pela Palavra de Deus que Jesus conseguiu triunfar de Satanás. Pode, portanto, acontecer a mesma coisa, connosco, neste tempo. Só a Palavra de Deus é que está em condições de purificar a nossa vida: «Como purificará o mancebo o seu caminho? Observando-o conforme a Tua palavra.» (Salmo 119:9).

Eis um pensamento inspirado deste texto dos Salmos: «Que a juventude se entregue ao estudo da Palavra de Deus. Quando esta é recebida na alma, aí levanta uma barreira contra a tentação.» — **Educação**, p. 189.

Georges Müller, esse homem de Deus muito conhecido pela sua eficácia na oração, expressou, assim, o seu elevado apreço pela Bíblia:

«O vigor da nossa vida espiritual será directamente proporcional ao que a Bíblia ocupar na nossa vida e nos nossos pensamentos. Afirmo-o, solenemente, baseando-me numa longa experiência de quarenta e quatro anos. Durante os três primeiros anos que se seguiram à minha conversão, eu negligenciei a Palavra de Deus. Mas depois de a começar a sondar com diligência, disso resultou-me uma bênção maravilhosa. Li a Bíblia, desde o princípio até ao fim, uma centena de vezes e sempre com uma satisfação crescente. De cada vez que a lia, sempre me aparecia como um novo livro. O estudo continuado, perseverante, quotidiano que fiz deu-me grandes satisfações. E se me acontece um dia, não poder consagrar o tempo suficiente à Palavra de Deus, considero que foi um dia perdido.» — Henry H. Halley, **Bible Handbook**, p. 5.

Como é que há tantos de entre nós que parecem não compreender a necessidade de ler a Bíblia, todos os dias? Como é que nós poderemos prosseguir pelo nosso caminho na vida, defrontando o pecado e a morte, a cada instante, privando-nos da companhia do Senhor Jesus que nos é concedida mediante a Sua Palavra?

Um dos problemas que se levantam para os cristãos da nossa época, procede do facto de procurarem adaptar a Bíblia ao seu modo de vida, em vez de conformarem a sua vida com a Palavra de Deus.

«A nossa salvação depende do conhecimento da verdade que as Escrituras contêm... Sondai, oh! sondai as preciosas páginas da Bíblia com o coração esfo-meado... até ficardes devidamente elucidados acerca das vossas relações com Deus e da Sua vontade a vosso respeito.» — **Parábolas**, p. 111.

Temos necessidade de ler e meditar a Bíblia, porque é ela que nos apresenta Jesus como nosso Salvador (ver Lucas 24:27; João 1:1-4). Quando sentimos a necessidade de reencontrar Jesus, é para a Bíblia que temos de nos voltar, porque ela contém a prodigiosa história de Jesus Cristo.

Efectivamente, Deus deu-nos a Bíblia, antes de mais, para nos revelar o Seu plano de salvação por Jesus, Seu Filho. De resto, quando se lêem as Escrituras, desde o Génesis até o Apocalipse, podemos distinguir, atravessando todo o texto imenso, uma como que longa e majestosa linha vermelha traçada com o sangue do Cordeiro de Deus, imolado pela remissão dos nossos pecados. Sabemos, de resto, que o Filho único de Deus era a Palavra e que «a Palavra se fez carne e habitou entre nós» (João 1:14).

«A aceitação da Palavra, pão do Céu, equivale à aceitação do próprio Cristo. ... O homem é chamado a comer e a mastigar a Palavra.» — Ellen G. White, *Review and Herald*, 23 de Novembro de 1897.

Necessidade de um estudo diário

Decerto que temos necessidade de algo mais que um contacto superficial e ocasional com a Bíblia; temos de lhe mastigar e assimilar a substância espiritual, para que ela se torne uma parte da nossa vida. Temos, realmente, necessidade de estabelecer um contacto mais íntimo com a Bíblia, e isso, todos os dias. Não é coisa fácil de realizar, certamente, numa época de agitação e de superficialidade como esta em que vivemos. Devemos, porém, considerar a leitura da Bíblia como tendo a prioridade absoluta. Sei-o por experiência. É nisto que o cristão tem de dar prova de firmeza e de perseverança (ver I Tim. 4:13, 16).

Por volta do fim do ano de 1973, comecei a tomar consciência de que eu não tinha senão um contacto bastante superficial com a Bíblia, e isto, apesar do hábito de a ler de uma ponta à outra, todos os anos. Tomei, então a resolução de reservar mais tempo para ler o Livro sagrado, melhorando alguns dos meus métodos de leitura. Com a ajuda do Senhor, decidi que a primeira coisa, que daí para o futuro, eu iria fazer, todas as manhãs, seria, precisamente, meditar e estudar a minha Bíblia, depois de haver orado a sós com Deus.

Não se pense que isto é um hábito fácil de contrair! Pelo que me diz respeito, tenho de me levantar mais cedo do que anteriormente; mas estes momentos de comunhão matinal com o Mestre têm sido verdadeiramente preciosos para enriquecer a minha vida espiritual. Sob muitos pontos de vista, sinto-me espiritualmente, mais forte. Anteriormente, lia as Escrituras, no fim do dia, antes de me deitar; tenho, porém, de confessar que, mais de uma vez, eu não era capaz de acabar um capítulo inteiro. Agora, sinto uma grande satisfação, porque reservo para Deus os melhores momentos do meu dia.

Entre os que vivem em condições normais, quantos há que se aplicam a ler a sua Bíblia, todos os dias, num espírito de oração? Quantos de nós é que

já leram a Bíblia toda, uma vez na sua vida? E não será aflitivo pensar que certos crentes deixam passar dias, semanas, mesmo meses, sem entrarem em contacto com o texto sagrado das Escrituras?

A este respeito, alguém redigiu um diário imaginário — mas que, em muitos casos, corresponde à realidade — diário este em que o autor «faz falar» uma Bíblia praticamente abandonada:

«15 de Janeiro. — Estive de férias, toda a semana. No princípio do ano novo o meu proprietário leu-me regularmente, nalgumas noites. Mas agora, tenho a impressão de ter sido completamente esquecida.

2 de Fevereiro. — Hoje foi dia de limpeza grande em toda a casa. Depois de eu ter sido espanejada, assim como toda uma série de bugigangas, tornei a ser colocada no meu lugar habitual.

8 de Fevereiro. — O meu proprietário folheou-me, durante alguns momentos, depois do jantar: procurava alguns textos bíblicos. De resto, levaram-me, hoje, à igreja.

2 de Abril. — Estive um tanto preocupada, durante todo o dia. O meu dono devia ter uma reunião de oração e novamente rebuscou alguns textos; mas o infeliz com muita dificuldade encontrou um. Contudo, os textos que ele procurava não tinham mudado de lugar!...

1 de Maio. — A avó está de visita à família e estive toda a tarde no seu colo. Vi-a derramar algumas lágrimas sobre o texto de Colossenses 2:5-7.

7-8-9 de Maio. — Passei todas as tardes nos joelhos da avó. Sinto-me, assim, tão bem! Algumas vezes, fala comigo e outras vezes, lê-me.

10 de Maio. — A avó partiu para a sua casa. Como de costume, fiquei na prateleira.

3 de Junho. — Houve alguém que teve para comigo um gesto amável: puseram florinhas entre as minhas páginas.

1 de Julho. — Meteram-me dentro de uma mala no meio de fatos e de objectos vários. Decerto vamos passar algum tempo longe da casa.

7 de Julho. — Durmo no fundo da mala.

10 de Julho. — A maior parte das coisas de que tinham necessidade foram tiradas da mala; mas eu continuo na mesma: fechada na mala.

15 de Julho. — Regressámos a casa e voltei para o meu lugar na estante. Acabo de fazer uma longa viagem e confesso que não compreendo lá muito bem, porque é que me levaram com a família.

1 de Agosto. — Fez um calor sufocante. Tenho em cima de mim, duas revistas, um romance policial e um chapéu. Uf! Pelo menos que me tirassem tudo isto de cima de mim!

5 de Setembro. — Dia de limpeza. Sou espanejada e volto para a estante.

10 de Setembro. — Brigitte, a menina, folheou-me, durante alguns minutos. Tinha de escrever uma carta a uma amiga, cujo irmão tinha falecido, e ela procurava um versículo próprio para a circunstância.

30 de Setembro. — Hoje é dia de limpeza geral.

Mais uma vez, me espanejaram, cuidadosamente, e me colocaram na minha estante. Eis-me, mais uma vez, de férias e férias bastante grandes!»

Que a história desta Bíblia não seja, de modo algum, a da **vossa** Bíblia!

Pelo contrário, temos de encher o nosso espírito, o nosso coração, todo o nosso ser, com as Sagradas Escrituras. Devemos lê-las, todos os dias e meditá-las para aplicarmos os seus ensinamentos à nossa vida. Se for possível, procuremos decorar alguns passos. Seja como for, o contacto com o Livro de Deus vivifica o espírito, domina os pensamentos, governa os nossos sentimentos e as nossas emoções, orienta a nossa

vontade, as nossas decisões e as nossas acções na boa direcção (Ver Rom. 12:2).

E, acima de tudo, a comunhão com Deus que nos é proporcionada pela leitura da Sua Palavra, torna-nos mais conscientes da nossa responsabilidade de embaixadores do Evangelho e impele-nos a dar testemunho com eficácia.

Lembremo-nos daquilo que Jesus nos pede: «Permaneça em Mim, e Eu permanecerei em vós... Permanecei no Meu amor... Eu vos escolhi e vos estabeleci para irdes e produzir muito fruto.»

Porque é que não temos de tomar à letra a Palavra de Deus?

Pastor CALVIN B. ROCK

Vice-Presidente da Conferência Geral

SEXTA-FEIRA, 7 de Novembro de 1975

ESTÁ SÃO E SALVO O JOVEM ABSALÃO?

Por duas vezes o monarca inquieto vira chegar mensageiros, primeiro, Ahimaas e depois, Cusi. Duas vezes tinha ouvido os relatórios vitoriosos destes mensageiros esfalfados que tinham percorrido todo o caminho desde o campo de batalha para levar a notícia do triunfo do exército real. Por duas vezes, David se desinteressara, abertamente, dos comunicados oficiais que tratavam da defesa eficaz do seu reino; em compensação, fez, cheio de apreensão, a pergunta que, para aquele pai, era mais importante do que a situação do seu reino: «Está são e salvo o jovem Absalão?» (2 Samuel 18:29, versão Sinodal).

O verdadeiro assassino de Absalão, aquele que lhe perverteu o amor, lhe falseou o juízo e lhe inflamou as ambições profanas para o levar, finalmente a uma morte vergonhosa e prematura, é, precisamente, o mesmo que se encarnaça, ainda hoje, contra a juventude. Sem lugar para dúvida, a nossa época marcada pela sensualidade e pelo materialismo representa um verdadeiro campo de minas semeado de armadilhas no sentido físico e espiritual. Em cada ano, contam-se aos milhares os acidentes dramáticos. Embora convencidos da vitória final da Igreja de Deus, todos os pais que pertencem ao povo adventista não podem deixar de compartilhar da ansiedade do antigo monarca. Todos os pais, todas as mães adventistas conscientes dos riscos pendentes sobre os filhos sentem-se assediados pela mesma pergunta escaldante: «Está são e salvo o jovem Absalão?»

As influências perniciosas com as quais o mundo moderno bombardeia literalmente os filhos e as filhas de Adão, são de tal modo poderosas e subtis que se pode fazer a pergunta para saber se haverá alguém que se possa considerar imunizado nesta época tão perturbada. A atitude de decência, de modéstia que, outrora, preservava pelo menos, parcialmente, os cristãos das agressões psicológicas provenientes dos meios dissolutos, volatilizou-se, literalmente, como

consequência da generalização das viagens e dos meios de comunicação ultra-rápidos. Se antigamente podíamos considerar os campos de batalha como lugares bem definidos, onde, à maneira de David, os filhos de Deus podiam encontrar abrigo e conforto, já não é assim, nos nossos dias, em que temos de lutar praticamente, em terreno descoberto e sem nenhuma linha de combate bem definida. Os recintos tradicionais estão hoje desprovidos de limites; o inimigo conseguiu transpor os fossos da fortaleza, escalar as muralhas da nossa cultura, outrora convenientemente protegida, e o arruído dos combates de corpo-a-corpo ouvidos aqui e acolá lembra-nos que, para cada soldado da cruz, a salvação pessoal exige esforços incessantes. Mas por cima do tumulto das armas, pode ouvir-se o grito angustiado dos pais e dos responsáveis da igreja: «Está são e salvo o jovem Absalão?»

A situação pede uma análise séria e uma resposta sem rodeios. Ponhamos, claramente, a pergunta: **Estão os jovens da nossa Igreja em segurança, na sociedade?**

Antes de mais, vós, pais, onde é que viveis? Em que meio social procurais criar os vossos filhos? A este propósito, o conselho do Espírito de Profecia é de uma clareza límpida: «Quando escolhemos uma habitação, Deus quer que tenhamos em conta, antes de mais, as influências morais e religiosas de que estaremos cercados nós e os nossos familiares.» — **O Lar Adventista**, p. 131.

A vida nas grandes cidades é sofisticada e artificial. A isca do ganho, a busca dos prazeres, a ostentação do vestuário, o gosto do luxo, da extravagância exercem uma atracção quase irresistível sobre a juventude. «As crianças e os adolescentes deviam ser cuidadosamente protegidos. Devem ser afastados dos focos de corrupção que se encontram nas nossas cidades.» — **Idem**, p. 136.

A influência do meio ambiente

Os regimes políticos podem diferir de um país para outro; os antecedentes históricos que condicionam as atitudes e o meio social podem variar; as manifestações exteriores da conduta e as reacções podem mudar de uma região para outra. Mas a percentagem crescente da criminalidade, a agitação social, os escândalos políticos, os flagelos devidos às doenças mentais, ao divórcio e ao suicídio que submergem as cidades do nosso planeta decadente e infestado pelo pecado, desafiam qualquer solução. Mas, se «existe algum refúgio aqui em baixo», como os negros costumavam cantar, antigamente, nas plantações da América, temos de agir de acordo com o princípio segundo o qual há uma relação evidente entre a percentagem de apostasia entre a juventude adventista e o contexto social onde vive.

Podemos belamente invocar a necessidade de conservar a nossa situação, de manter certas relações familiares e de salvaguardar investimentos financeiros; poderemos dizer que não moramos em plena cidade, mas nos arredores, e que, de qualquer maneira, «o Senhor compreende os nossos problemas»; a verdade é que não podemos escapar ao jogo inexorável da lei da causa e do efeito, que terá consequências desastrosas na nossa família. Para nós, trata-se de uma questão de vida ou de morte, sem mais nem menos. Se quisermos estar à altura de responder afirmativamente à pergunta: Estão os seus filhos em segurança? — é indispensável que num esforço de coragem e de fé passemos, urgentemente para a acção.

Estão os jovens da nossa Igreja em segurança na escola?

A corrupção moral que se infiltra em todas as instituições (no plano governamental, económico, religioso, etc.) é tão evidente e tão preocupante que nenhum adventista lúcido deveria consentir em sacrificar as vantagens da educação cristã ao benefício da instrução pública. Mas, no quadro do nosso assunto, temos de prestar atenção ao conselho explícito da Mensageira do Senhor: «Os que estão matriculados nas escolas públicas são muitas vezes levados a conviver com colegas mal comportados e que, fora do tempo passado na escola, estão entregues à única educação da rua. Os corações dos jovens são facilmente influenciáveis e, se os seus camaradas não têm uma conduta correcta, Satanás servir-se-á de tais jovens malcriados para influenciar os que receberam melhor educação. Por isso, ainda antes dos pais adventistas poderem advertir o que se passa, os seus filhos ficam instruídos no vício e as suas almas, contaminadas.» — **Conselhos aos Pais e Professores**, p. 155.

A prática corrente das relações sexuais pré-mariais, as perversões da intimidade conjugal, o espiritismo, o uso da droga e das outras formas de intemperança prejudiciais ao físico e ao moral deviam ser

razões suficientes para incitar os pais a fazer todos os sacrifícios necessários, na matéria de conforto e sob o ponto de vista financeiro, para que cada filho recebesse uma educação cristã, desde a instrução primária até aos níveis escolares mais elevados. De facto, a aquisição de uma educação cristã tendo em vista a salvação individual e para garantir, ao mesmo tempo, a substituição de obreiros é tão vital que Deus confiou a responsabilidade de financiar a formação da nossa juventude não só aos pais, mas também: 1) — aos amigos; 2) — às igrejas; 3) — às associações (ver **Conselhos aos Pais e Professores**, p. 62). Mas temos de ir, ainda, mais longe. Os nossos conselhos escolares e os nossos administradores encarregados de dirigir os externatos seguem, de facto, as instruções do Espírito de Profecia referentes ao género de alunos susceptíveis de serem admitidos nos nossos estabelecimentos? Ou não serão, muitas vezes, levados, devido a certos imperativos financeiros, a garantir o funcionamento das escolas de igreja, nas quais se encontra uma grande percentagem de jovens não-adventistas, o que contradiz a razão de ser das nossas instituições?

É que dizer das nossas duas Universidades, dos nossos 462 liceus e das nossas 3847 escolas primárias? São, efectivamente, modelos do estilo de vida que gostaríamos que tivessem? Por outras palavras, poderemos, realmente, esperar que todas estas nossas instituições dêem o tom e sirvam de modelo a toda a Igreja? Limitar-se-ão, apenas, a reflectir o estilo de vida geral do Adventismo de hoje, ou são verdadeiramente, elementos reformadores? Seja como for, estará a nossa juventude em segurança nos nossos estabelecimentos de ensino? Nos dormitórios, nas relações mútuas dos jovens, no ginásio, nas veladas organizadas nos campos de acampamento, nas suas relações com os professores e conselheiros (muitos dos quais, quando preparavam as suas licenciaturas tiveram de estudar volumes de teorias erróneas)?

Não é muito fácil responder com exactidão. Mas a pergunta fica de pé: «Está são e salvo o jovem Absalão?»

Estará ele, em segurança, na Igreja? — Que espécie de atmosfera é que a nossa juventude ali encontra? Os jovens que crescem na Igreja, ficam nela **por causa de** ou **apesar da** qualidade relativa que reina nas nossas comunidades locais? Deixem-me precisar melhor o meu pensamento. Quando comparamos as nossas vidas com a nossa profissão de fé, porventura, os jovens espíritos, tão sensíveis e tão perspicazes, são levados a acreditar que a santidade é qualquer coisa de realizável, ou são antes tentados a pensar que é um estado quimérico, uma sedutora miragem? Pior ainda, é, porventura, aos seus olhos, a cultura adventista uma espécie de jogo praticado por pessoas relativamente idosas que procuram, assim, anestesiar-se contra a morte?

Será asseguradora para os nossos jovens a disciplina da Igreja? Quando vociferamos contra as suas faltas, são as nossas sanções essencialmente punitivas?

vas ou exprimem o nosso cuidado de salvaguardar a reputação da Igreja? Ficamos sinceramente preocupados ou profundamente embaraçados?

Qual é a qualidade dos nossos programas de actividades da juventude? Não confia, muitas vezes, a Comissão de Nomeações, os jovens da Igreja a pessoas cheias de boa vontade, mas incompetentes? Não acontece, também, às vezes, serem estes jovens confiados a mães que também têm filhos daquela mesma idade do grupo que elas vão dirigir, ou então ficarem os cordeiros do rebanho entregues a si mesmos?

Vigiamos a escolha dos monitores das classes dos juniores e infantis da Escola Sabatina, para que recaia sobre pessoas qualificadas e dedicadas? Segundo a Irmã White «são necessários os melhores talentos que pudermos encontrar para a educação e formação dos nossos jovens.» — *Idem*, p. 156.

A necessidade de relações vivas

Nesta linha de pensamento, lembro-me de que quando eu tinha quinze anos, estava metido na engrenagem da organização da igreja; assistia regularmente aos serviços do Sábado, mas sem nenhum contacto vivo com o Senhor. O que mais me ajudou a fortificar a minha experiência pessoal e a estabilizar-me, foi o facto de partilhar as responsabilidades que me tinham sido confiadas ao nível de igreja com chefes de juventude dinâmicos e com um pastor consciencioso. Imponentes edifícios, reuniões interessantes, um ambiente agradável, uma boa organização da igreja, tudo isto contribuía para criar uma atmosfera favorável. Embora a nossa igreja possua tudo isto, não oferece, contudo, segurança suficiente para a nossa juventude. Por isso é necessário que se empenhem esforços bem calculados e continuados a favor dos jovens. Há que ter em conta, necessariamente, a presença dos jovens na igreja, e prover, conseqüentemente, as suas necessidades espirituais, educativas e sociais. É só numa igreja em que se realizam tais condições que o jovem ou a jovem estão verdadeiramente em segurança.

Estará o jovem Absalão em segurança na **casa de seus pais**? Pergunta impertinente! — direis, porventura. Se há um lugar, onde os jovens adventistas devam sentir-se em segurança, é o seu lar. Certamente, ou, pelo menos, devia ser assim. Olhemos, porém, as coisas, bem de frente. Estão, realmente, os nossos filhos em segurança, em casa? Qual é, entre outras coisas, o exemplo dos pais, no domínio alimentar? Como adultos, seguimos nós, fielmente, as directrizes do Espírito de Profecia referentes ao que comemos, em que momento comemos, e qual é a qualidade dos alimentos que tomamos? É porventura, espectáculo edificante para os nossos filhos observarem os nossos hábitos de vida, ou será que a nossa negligência e a nossa indiferença a respeito dos conselhos inspirados se arrisquem a dar-lhes um exemplo que os influenciará de maneira negativa para o tempo e para a eternidade?

E que dizer das atitudes recíprocas entre marido e esposa? São as nossas famílias, segundo a expressão do poeta, lugares onde «a alegria é um dever e o amor uma lei?». Ou, pelo contrário, muitas vezes as censuras e a hostilidade mútuas dos pais não criam uma atmosfera de tensão, que priva os filhos do sentimento de confiança e de segurança, de que necessitam? Que dizer dos vossos diálogos com os vossos filhos? O meu prezado Irmão que está tão absorvido com os seus negócios, tire um pouco de tempo ao seu trabalho e às suas deslocações para tecer laços de afeição com os seus filhos, ou julga o Irmão que lhe basta pagar as despesas escolares necessárias aos pequenos, para que estes tenham tudo o que necessitam?

A Irmã White diz ainda: «Pais, passai o mais tempo possível com os vossos filhos. Procurai conhecer-lhes as suas disposições variadas, para saberdes como formá-los de acordo com a Palavra de Deus... (Pais), dai um pouco das vossas horas de ócio aos vossos filhos; aprendei a conhecê-los bem; tomai parte no trabalho deles, nos seus desportos e esforçai-vos por lhes ganhar a confiança.» — *O Lar Adventista*, p. 222.

Adoptemos atitudes positivas

Tratemos, agora, de outro problema. São as nossas conversas de molde a encorajar os nossos filhos a adoptarem uma atitude positiva ou negativa a respeito da Igreja Adventista e dos seus membros? Ficam os nossos filhos edificadas, quando, na refeição do Sábado falamos do sermão, do pregador, do coro, de um membro faltoso ou simplesmente do nosso vizinho do patamar? Será que o nosso comportamento no seio da nossa família tende a dar uma imagem favorável da Igreja ou, sabendo perfeitamente que temos de ser discretos, damos, pelo contrário, livre curso aos nossos sentimentos no círculo familiar, arriscando-nos, precisamente, a causar muito mal?

Não é a posse de belas mobílias, de bom vestuário, de uma instalação «stereo» moderna, do telefone, de uma cozinha e aparelhagem eléctricas que torna um lar seguro. Não se pode falar de verdadeira segurança no lar, senão quando aí reina um ambiente cristão, criado pela fidelidade aos princípios divinos, não só no que diz respeito ao lugar em que moramos, como também à escolha do mobiliário e da música, do ritmo da vida de família, das regras de economia, do espírito de serviço e do amor que manifestamos uns para com os outros. Eli com a sua fraqueza, David com a sua desobediência, Noé com a sua intemperança, Lot com o seu egoísmo, Cam com a sua falta de respeito filial — todos eles exerceram, cada um pela sua parte, uma influência nefasta sobre os filhos, e a sua experiência demonstrou com evidência que, na nossa época, o facto de se pertencer a uma família filiada no povo de Deus não é uma garantia de salvação. Há, infelizmente, pessoas consideradas bons membros de igreja que estão longe de se portarem com prudência no círculo familiar. Que

é que se passa com a vossa própria família? Estão, nela, em segurança os vossos filhos?

Sentem, porventura, os nossos jovens um sentimento de segurança no **fundo de eles mesmos**? Vou ilustrar esta última pergunta, evocando um mini-drama ao qual os serviços de incêndios de Detroit, no Michigan, Estados Unidos, devem fazer frente, todas as Primaveras. Nesta cidade, todos os anos em Abril, depois da fusão das neves, os bombeiros são asseidiados com chamadas que se podem denominar «S.O.S. canários». Mas que é um «S.O.S. canários?» Trata-se, simplesmente, de chamadas telefónicas feitas de estabelecimentos e de casas particulares, cujos canários ou qualquer outra ave se escaparam da gaiola. Parece que os habitantes de Detroit têm o costume curioso de saudar a chegada da Primavera, abrindo, simultaneamente as janelas e as gaiolas onde têm as aves. Tendo estado tanto tempo prisioneiras, as encantadoras aves são irresistivelmente atraídas para o sol e para os espaços verdes, e é quase impossível apanhá-las, porque não voam horizontalmente. Pelo contrário, logo que se apanham ao ar livre, voam quase sempre, no sentido vertical, até se encontrarem fora de qualquer alcance. A única explicação que conheço para este comportamento daquelas aves é a seguinte: as aves procuram, desesperadamente um tecto. Efectivamente, durante todo o Inverno, talvez durante toda a sua vida, nunca se preocuparam por saber nem o «porquê», nem o «como» do seu encarceramento, acomodaram-se, simplesmente, às limitações espaciais inerentes ao seu doce cativo. De repente, num esforço de liberdade, partem em busca de um hipotético tecto. Não é, pois, de admirar que aquelas aves se precipitem numa marcha vertiginosa para uma morte certa.

Façamos, mais uma vez, a pergunta: Sentem-se os nossos rapazes e as nossas meninas, em segurança, no seu íntimo? Como é que se comportam quando a idade ou as circunstâncias os levam a sair da casa paterna? Aproveitámos, nós, os anos relativamente calmos da infância deles e delas, da sua adolescência para lhes ensinar não só as regras, mas também o profundo significado do Cristianismo? Ensinámos-lhes a tomar decisões, a raciocinar correctamente, a considerar as leis divinas como preceitos movidos pelo amor de Deus e destinados a favorecer-lhes a saúde e a felicidade? Ou será que os tenhamos, pura e simplesmente, encerrado numa prisão feita de princípios bíblicos rígidos e de tabús religiosos?

Eis um exemplo patético da impressão experimentada por alguns jovens adventistas por viverem, nas suas casas, como aves numa gaiola; assim se exprime um deles:

«A minha mãe disse-me que não se deve fumar: não fumo. Também me disse que não devemos ouvir gracejos indecentes: não os ouço.

Proibiu-me de tomar bebidas alcoólicas e de fazer olhinhos às raparigas bonitas; obedeco-lhe.

Os rapazes do mundo, esses, correm atrás das pequenas, bebem e cantam todas as espécies de canções. Eu, por mim, abstenho-me.

O meu pai disse-me que é muito mau vir tarde para casa, de noite. Por isso, vou para casa, logo que anoitece.

Nunca beijo as pequenas, nem uma só; de resto nem sei como é que isso se faz.

Por isso, já pode ver que não tenho uma juventude muito divertida. E, para dizer a verdade, confesso que a minha vida não é nada alegre!»

Depois de terem estado, assim, sob tal freio, não é de admirar que tais jovens, recebendo, bruscamente, a liberdade, se sintam totalmente desamparados no meio da sociedade e se encaminhem, inevitavelmente para um verdadeiro drama espiritual.

Eu queria, sobretudo, insistir no facto de que, se queremos que os nossos filhos estejam armados para a vida no momento em que, tornados adultos, se casam, abraçam uma profissão e tomam o seu lugar na sociedade em geral—os nossos esforços para os instruir enquanto estão na casa paterna, não devem apenas visar a inculcar-lhes a doutrina adventista. Devemos, também e, sobretudo, inspirar-lhes atitudes lógicas, sãs e positivas a respeito da Palavra de Deus e dos seus princípios de vida.

Mas o facto de se habitar no campo, ou nos arredores, ou de frequentar um estabelecimento escolar adventista ou uma igreja com actividades de juventude válidas ou ainda de ter o bom exemplo de pais cristãos apoiado por uma sólida instrução bíblica—basta isto para assegurar a salvação dos nossos jovens?. De nenhum modo. A exortação de Salomão convidando-nos a ensinar a criança no caminho que deve seguir para que, quando for velho não se afaste dele (ver Prov. 22:6) não significa que uma criança, criada, educada, como deve ser, venha a acabar bem e a ser salva. O trágico destino de Satanás e dos seus anjos prova com evidência que os jovens que beneficiaram de uma atmosfera, de uma educação e de um exemplo perfeitos, podem, mesmo assim, escolher o caminho da revolta. O nosso passo do livro dos Provérbios afirma, simplesmente, que, uma vez passada a idade da maturidade, as probabilidades daquele que vive de harmonia com a Palavra de Deus estão largamente determinadas pela fidelidade e o bom senso com os quais os seus pais ou os seus educadores interpretaram e aplicaram esta Palavra durante a sua primeira juventude. Não temos nenhum meio de saber como é que este rapaz ou aquela menina reagirá a respeito das disposições divinas com vista à sua segurança espiritual, porque é a ele ou a ela que pertence, definitivamente, a escolha.

No entanto, temos de desenvolver esforços incessantes para colocar os nossos jovens nas condições mais favoráveis para que possam responder de maneira positiva ao apelo do Mestre. Esta tarefa representa, ao mesmo tempo, a nossa mais tremenda responsabilidade e o nosso maior privilégio.

Oxalá que possamos aceitar a ajuda de Deus com confiança e entusiasmo.

A IGREJA NOS ÚLTIMOS DIAS

«Estamo-nos aproximando a passos largos do desfecho da história desta terra. O fim está próximo, muito mais próximo do que muita gente supõe, pelo que me sinto na obrigação de insistir junto do nosso povo, sobre a necessidade de buscar, activamente, o Senhor. São numerosas as pessoas que se encontram adormecidas — e que poderemos nós dizer para as tirar deste torpor carnal? Antes que os Seus juízos caíam mais severamente sobre o mundo, o Senhor quer que a Sua Igreja seja purificada.» — **Review and Herald**, 8 de Novembro de 1906.

«Cada um daqueles, cujos nomes figuram nos registos de igreja, devia compreender, claramente, o que implica o facto de pertencer à Igreja. Isto significa que Lhe entregámos, totalmente o nosso eu, de tal modo que Jesus possa reinar, precisamente, onde o eu reinava antes. Isto quer dizer que renunciámos às ideias e aos planos egoístas que durante tanto tempo tínhamos acariciado, e que o nosso pensamento se submeteu ao pensamento de Jesus. Isto quer dizer que o nosso objectivo, bem determinado, consiste em sermos um com Deus e um com o Seu povo; que daremos prova de espírito de renúncia e de sacrifício do eu para favorecer a extensão do Seu reino; que nos esforçaremos por ultrapassar tudo o que dificulta o nosso crescimento na graça.» — **Idem**, 23 de Junho de 1903.

«Quando nos unimos à Igreja, assumimos uma grande responsabilidade. Porque a Igreja é a família de Deus, e os membros de tal família devem demonstrar uns pelos outros um interesse desprovido de qualquer egoísmo. Cada um de nós deve orar e trabalhar com vista à salvação dos seus semelhantes.» — **Idem**, 19 de Janeiro de 1905.

A Igreja é a vinha do Senhor

«Quando Jesus veio a esta terra, verificou que na Igreja havia os pecados da mundanidade e dissensões. Ora, a Sua missão consistia em derrubar esta ordem de coisas. É certo que Ele quer que a Sua Igreja esteja no mundo; não quer, porém, que ela seja do mundo. Disse assim: «Toda a planta que o meu Pai não plantou será arrancada.» A Igreja deve ser como um recinto divino no mundo. Devia ser como uma vinha plantada pelo Obreiro Divino e cultivada pelos Seus cuidados. Devia ser como um alfobre plantado com as árvores da justiça; e, embora cercada pelas árvores nocivas do mundo — que produzem frutos mortíferos —, todos os que estivessem dentro do recinto deviam ser uma plantação do Senhor, produzindo frutos de justiça. Os discípulos de Jesus foram chamados a manifestar o poder da graça transforma-

dora, capaz de mudar os corações humanos corrompidos. A Igreja deveria apresentar-se como um campo de trigo; porém, uma estranha mão foi semear cizânia entre o trigo. É esta mistura de cizânia e de trigo que é uma fonte de tristeza e de lágrimas para os filhos de Deus.

«Os elementos naturais não santificados do carácter do homem opõem-se à influência do Espírito de Deus. Homens de espírito perverso introduzem de tal modo doutrinas falsas que frequentemente tais doutrinas erróneas têm conseguido suplantar a verdade divina.

«De acordo com os desígnios de Deus, a Igreja não devia acolher os mandamentos do homem; a Igreja só devia reconhecer a Lei divina. Deus desejava que a verdade, pura e inalterada, fosse proclamada no mundo. Os Seus filhos deviam distinguir-se pela sua disposição em renunciar a eles próprios e a levar a sua cruz. Deviam reflectir entre os homens o carácter de Jesus e ser diante do mundo uma imagem do reino de Deus, porque se devia distinguir neles o espírito e o carácter que provêm da submissão ao governo divino. Deviam obedecer a leis superiores às que são promulgadas pelos príncipes deste mundo e aceitarem submeter-se a um poder maior do que o que dispõem os reis.

«Se é verdade que Deus cuida de todo o Universo e que os anjos são enviados para exercer um ministério nos quatro cantos do globo, nem por isso a Igreja deixa de constituir o objecto privilegiado da solicitude e do amor divinos. Deus escolheu a Igreja como o campo de experiência da misericórdia e do amor, pela qual atrai os homens para Si. Pela graça de Jesus, realiza-se uma transformação maravilhosa no coração corrompido dos homens.

«O trabalho efectuado pela graça de Jesus nos caracteres dos pecadores é uma obra superior à que é exigida para operar um milagre no corpo humano. A natureza antiga e pecadora morre, dando lugar a uma nova criatura afeiçoada à imagem de Jesus. Os anjos rejubilam perante esta obra prodigiosa. Verificam que, nesta terra, assinalada pela maldição do pecado, Jesus possui escolas de formação espiritual. Ele toma ignorantes filhos das trevas e da cólera, que voluntariamente vão a Seus pés, para que recebam as Suas instruções e se tornem, assim, obreiros com Deus, para estarem à altura de levar o jugo e o fardo de Jesus e identificarem os seus próprios interesses com os interesses e as delícias do céu. Jesus tem em vista um exército de obreiros convenientemente formados e bem disciplinados a quem Ele possa entregar os Seus bens para que os talentos assim confiados frutifiquem e se multipliquem, bem negociados;

obreiros a quem Ele possa dizer um dia: «Bem está, bom e fiel servo... Entra no gozo do teu Senhor.» — **Review and Herald**, 19 de Dezembro de 1893.

Satanás trabalha contra a Igreja

«Satanás esforça-se, constantemente, por entrar a Obra de Deus, levando os homens a aceitar as suas concepções maléficas. Apresenta o povo de Deus como um povo extraviado. É o acusador dos irmãos; sob este título, exercita-se em lançar calúnias contra os que caminham na justiça. Ora, o Senhor deseja responder aos ataques de Satanás, demonstrando, assim, pelo Seu povo quais são as consequências da aceitação dos princípios divinos.

«É necessário que estes sejam postos em evidência na vida individual do cristão, na família, na Igreja, em todas as instituições consagradas ao serviço de Deus. Estas devem demonstrar o que pode ser feito para o bem da humanidade. Cada qual deve salientar o poder salutar que reside no Evangelho, e ser um instrumento destinado a realizar o grande plano de Deus a favor da família humana.» — **Parábolas**, p. 303.

«Não há nada que Satanás mais tema do que ver o povo de Deus ocupado em desembaraçar o caminho para lhe retirar todos os obstáculos, a fim de que o Senhor possa derramar o Seu Espírito sobre uma Igreja lânguida e uma comunidade impenitente. Se Satanás tivesse o campo livre, nunca mais assistiríamos a nenhum novo despertamento, nem grande nem pequeno, até o fim dos tempos. Mas nós não ignoramos os seus planos. É possível resistir ao seu poder. E quando o caminho tiver sido preparado pelo Espírito de Deus, então sobreviverá a bênção. Satanás não pode impedir que uma chuva de bênçãos seja derramada sobre o povo de Deus, como também não pode fechar as comportas dos céus para impedir que a chuva caia na terra. Nem os homens maus nem os demónios podem levantar obstáculo à Obra de Deus, assim como também não podem privar da Sua presença as assembleias do Seu povo, desde que os seus membros confessem e abandonem os seus pecados com corações rendidos e contritos e, também, se pela fé reclamarem as promessas divinas. Podemos resistir, vitoriosamente, a toda a tentação, a toda a influência adversa, quer esta seja patente ou seja secreta. 'Nem é pelo poder nem pela força, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos exércitos'.» — **Review and Herald**, 22 de Março de 1887.

A autoridade da Igreja

«Deus fez da Sua Igreja um instrumento pelo qual comunica a Sua vontade aos homens. Não permite que nenhum dos Seus servos faça uma experiência independente ou contrária à da mesma Igreja. Também não dá a nenhum homem em particular o conhecimento dos Seus planos relativos a toda a Igreja, deixando esta última — que é o corpo de Cristo — numa ignorância total. Na Sua Providência, Deus põe, numa estreita relação, os Seus servos com a Sua Igreja, para que aqueles tenham menos confiança em si mesmos, e confiem mais nos homens que Deus dirige para o avanço do Seu reino.» — **Actos dos Apóstolos**, pág. 163.

«Na conversão de Saulo, foram-nos revelados princípios importantes — princípios estes de que nos de-

vemos sempre lembrar. Efectivamente, Saulo foi levado directamente à presença de Jesus. Era mesmo ele que Jesus tinha escolhido para a mais importante das tarefas. Contudo, o Senhor não lhe revelou, imediatamente, qual era a obra que lhe destinava. Deteve-o na estrada e convenceu-o do seu pecado; quando Saulo, porém, lhe perguntou: 'Que queres que eu faça', o Salvador pô-lo em contacto com a Sua Igreja, para que esta lhe desse a conhecer a vontade de Deus a seu respeito.» — **Idem**, p. 120.

«Jesus dá, assim, ao Seu povo um exemplo da maneira como opera para a salvação dos homens. O Filho de Deus identificou-Se com o serviço e a autoridade da Sua Igreja. As Suas bênçãos deviam ser transmitidas, por meio dos homens que Ele escolheu para este efeito.» — **Testemunhos**, vol. 1, p. 452.

«Os que são levados a considerar infalível o seu próprio juízo, correm um grave perigo. Satanás esforça-se, então, por separá-los dos homens de Deus, verdadeiros arautos, pelos quais o Senhor actua para edificar e desenvolver a Sua Obra, aqui na terra. Desdenhar ou desprezar os que estão encarregados de dirigir a Igreja, é rejeitar os meios que Ele deu para ajudar, encorajar e fortalecer o Seu povo... Na Sua sabedoria, o Senhor preveniu este perigo, estabelecendo laços estreitos entre os crentes; o cristão deve estar unido ao cristão e a Igreja à igreja. Será assim que o humano há-de cooperar com o divino. Cada membro empregado por Deus, para a Sua Obra, será controlado pelo Espírito Santo. Todos os cristãos serão unidos para agir com método e sob uma direcção esclarecida, para levarem ao mundo a boa nova da salvação.» — **Idem**, p. 144.

«Hoje a Igreja deve pôr o seu adereço magnífico: 'Cristo, nossa justiça'. Uma diferença evidente e bem vincada tem de ser restabelecida e manifestada aos olhos do mundo pela exaltação dos mandamentos de Deus e da fé de Jesus. A beleza da santidade deve aparecer no seu esplendor natural contrastando com a deformidade e obscuridade que se desprendem dos infieis revoltados contra a Lei de Deus. Reconhecemos, assim, a soberania de Deus e a validade da Sua Lei, como fundamento do Seu governo nos Céus e nos domínios terrestres onde se exerce o Seu império.» — **Testemunhos para Ministros**, p. 16.

«Se queremos estar prontos para defrontar o dia de Deus, temos de viver esta experiência. Nesta hora em que se prolonga o tempo da graça e quando ainda se pode ouvir a voz da misericórdia, é o momento para abandonarmos os nossos pecados. Enquanto as trevas espirituais envolvem a terra como se fora uma cobertura funerária, deve a luz dos portavoices dos princípios divinos brilhar com todo o seu fulgor, para pôr em evidência o contraste entre a luz celeste e as trevas de Satanás. Deus tomou todas as disposições necessárias para podermos permanecer perfeitos na Sua graça, sem ficarmos desprovidos, seja no que for, na espera do aparecimento do nosso Mestre.

«Estais prontos? Já pusestes os vestidos brancos?

«Nunca este vestido poderá enobrir a impostura, a impureza, a corrupção ou a hipocrisia. Os olhos de Deus estão fixos em nós. Distinguem os pensamentos e as intenções do coração. Podemos mascarar os nossos pecados aos olhos dos homens, mas nada podemos ocultar aos olhos d'Aquêle, que nos criou.» — **Testemunhos**, vol. 5, p. 220.

«Há uma grande diferença entre uma suposta união e uma verdadeira comunhão com Jesus, pela fé. Uma

profissão de fé permite a entrada dos homens na Igreja, mas isso não prova que tenham uma relação vital com o cepo divino.

«Há uma regra que permite distinguir um verdadeiro discípulo, daqueles que pretendem seguir a Cristo, mas não têm nenhuma fé n'Ele. O primeiro grupo dá frutos ao passo que o outro é estéril. Os primeiros são, muitas vezes, submetidos à tesoura divina de podar para darem mais frutos; os outros, como sarmentos secos, serão separados do tronco.» — **Testemunhos**, vol. 2, p. 81, 82.

«Só os que recebem, constantemente, novas graças é que obterão um poder proporcionado às suas necessidades quotidianas e às suas possibilidades.

«Em vez de esperar que, mediante um dom particular do Espírito, lhes venha a ser concedido, no futuro, um maravilhoso poder para ganhar almas, que se entreguem, já, todos os dias, ao Senhor, que fará deles vasos destinados ao Seu serviço. Aproveitarão, dia após dia, as ocasiões que se lhes deparam, para servir a Deus.» — **Actos dos Apóstolos**, p. 55.

«No plano da redenção, cada qual deve ocupar o lugar que lhe foi indicado e cumprir a tarefa que lhe foi destinada. A obra do povo de Deus pode ter e terá vários aspectos; nem por isso é menos animada por um só Espírito. Deus chama-nos, como membros da Sua Igreja para recebermos o Espírito Santo, para nos aproximarmos uns dos outros na unidade e na simpatia fraternal, de modo a associarmos os nossos interesses no amor. A unidade cristã é um poderoso instrumento.

«Quando o povo escolhido de Deus vive num só espírito, desaparecem, como que por encanto, as barreiras do egoísmo, e muitas almas se convertem, por causa da unidade que reina entre os crentes. Há um só corpo e um só Espírito. Os que traçaram linhas de demarcação territorial, ou ergueram barreiras de cor ou de casta, fariam muito melhor se as fizessem desaparecer, e, ainda mais depressa do que quando as puseram. O homem deve obedecer à Palavra de Deus, tal como esta se apresenta no capítulo 17 de S. João. Deve ser um com o seu semelhante e com Jesus, da mesma maneira que Jesus é um com Deus. Só então se lhes poderá aplicar a palavra: «Vós sois perfeitos n'Ele.» — **Manuscrito 83**, 1899.

«Caros irmãos! O Senhor vem. Erguei os vossos pensamentos e as vossas cabeças e alegrai-vos. Parece-nos que os que ouvem a feliz notícia, que declaram amar a Jesus, se deveriam sentir repletos de uma alegria inefável e gloriosa. Esta boa e feliz nova deveria galvanizar cada alma; é necessário repeti-la nos lares e publicá-la no exterior. Será possível imaginar uma melhor? Não é para argumentar e discutir com os descrentes que Deus nos enviou.» — **Mensagens escolhidas**, vol. 2, p. 381.

«Que a mensagem do Evangelho se repercuta através das nossas igrejas, convidando-as a exercer uma acção universal. Que os membros da Igreja tenham uma fé crescente, recebendo o seu zelo das mãos dos seus celestes e invisíveis aliados, tomando consciência dos seus inesgotáveis recursos, da grandiosidade do empreendimento no qual se alistaram e do poder do seu Chefe. Os que se colocam, assim, sob a autoridade de Deus, para serem por Ele conduzidos, seguem, firmemente, a marcha dos acontecimentos, de acordo

com o plano divino. Inspirados pelo Espírito d'Aquele que deu a Sua vida pela vida do mundo, não ficarão muito tempo paralisados, reduzidos à impotência, desalentados com o que não podem fazer. Tendo-se revestido da armadura celeste, lançar-se-ão para o meio da batalha, desejosos de trabalhar para Deus com ousadia, pois sabem que a Onnipotência lhes proverá todas as necessidades.» — **Testemunhos**, vol. 7, p. 14.

A vitória e o triunfo finais

«O caminho seguido pelo povo de Deus deve ser ascendente e orientado para a vitória. Para nos encorajar, Aquele que é uno connosco — o Capitão da nossa salvação — disse: «E Eu estarei convosco, todos os dias, até o fim do mundo.» Conduzir-nos-á, infalivelmente à vitória. Isto, porque o nosso Salvador está sempre pronto a cumprir o que Deus promete.» — **Review and Herald**, 23 de Agosto de 1881.

«Com os olhos na Sua Igreja, o Senhor tem permitido o aparecimento de crises, para que, chegando ao máximo de perseverança, o Seu povo não veja outro recurso senão o de recorrer a Ele. As orações dos Seus filhos, a fé deles, a sua firme vontade de Lhe serem fiéis — têm possibilitado a intervenção de Deus, que nunca deixou de cumprir a Sua promessa. «Então, tu chamarás, e o Eterno responderá; gritarás e Ele dirá: Eis-Me aqui!» (Isaías 58:9).

«O Senhor estendeu o Seu braço poderoso para libertar o Seu povo. Deus difere a Sua misericordiosa intervenção a seu favor, até o momento em que se encontra reduzido ao último extremo; é então que o Senhor o livra de uma maneira mais extraordinária e lhe assegura vitórias mais gloriosas. Quando a sabedoria humana está numa situação aflitiva, é então que a intervenção do Senhor se torna mais manifesta recebendo a glória que Lhe é devida. Até os próprios perseguidores que detestam a nossa fé serão obrigados a reconhecer que Deus intervém a favor do Seu povo para o arrancar do seu cativeiro.» — **Mensagens escolhidas**, vol. 2, p. 372.

«Nunca nenhuma nuvem obscureceu o horizonte da Igreja sem que Deus esteja preparado; nenhuma força se opôs à marcha da Obra de Deus, que não tivesse sido prevista. Tudo aconteceu conforme o que os profetas haviam anunciado. Deus não abandonou a Sua Igreja nas trevas; fez-lhe anunciar pelos profetas o que devia acontecer e no momento previsto, Deus produziu na História o que os Seus profetas inspirados, pelo Espírito Santo tinham prometido. Todos os Seus planos se realizarão, plenamente. A Sua Lei é inseparável do Seu trono; os agentes satânicos unidos aos humanos não a poderão destruir.

«A verdade é inspirada e conservada por Deus; ela viverá e triunfará, mesmo, quando às vezes, parece que vai sucumbir. O Evangelho de Cristo é a lei realizada nos caracteres. As falsificações que se tentaram fazer sobre a Lei, todas as invenções feitas para proveito do erro, toda a falsa doutrina forjada por instrumentos satânicos acabarão por se desconjuntar, e o triunfo da verdade há-de parecer-se com o brilho do Sol em pleno meio-dia. O Sol de justiça refulgirá, trazendo a cura sob as suas asas, e toda a Terra será iluminada com a Sua glória.» — **Idem**, p. 108.